Ana Cristina Pinto Bezerra
Aline Patrícia da Silva
Jocélia da Silva Gurgel Freire

(Organizadoras)

CRÔNICAS ESCOLARES



editoraifrn

Ana Cristina Pinto Bezerra
Aline Patrícia da Silva
Jocélia da Silva Gurgel Freire

(Organizadoras)

CRÔNICAS ESCOLARES

editoraifrn

NATAL, 2026

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Marcelo Bregagnoli

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
José Arnóbio de Araújo Filho

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação
Francinaide de Lima Silva Nascimento

Diretora de Comunicação Científica
Magda Renata Marques Diniz

Conselho Editorial

Alba Valéria Saboia Teixeira Lopes
Alison Pereira Batista
Alana Driziê Gonzatti dos Santos
Albéris Eron Flávio de Oliveira
Airton Araújo de Souza Júnior
Amilde Martins da Fonseca
Bruno Balbino Aires da Costa
Cedrick Cunha Gomes da Silva
Cláudia Battestin
Elisabete Pianco de Sousa
Ênio Fernandes Amorim
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Jobson Martins da Silva Maranhão
Joicy Suely Galvão da Costa
José Everaldo Pereira
José Geraldo Bezerra Galvão Júnior
José Soares Batista Lopes
Julie Thomas
Kaline Andreza de França Correia Andrade
Leonardo Alcântara Alves
Luciana Maria Araújo Rabelo
Magda Renata Marques Diniz
Marilson Donizetti Silvino
Moisés Llopis i Alarcón
Paula Ivani Medeiros dos Santos
Paulo Augusto de Lima Filho
Pedro Felipe de Lima Henrique
Ramon Evangelista dos Anjos Paiva
Rômulo Magno Oliveira de Freitas
Tacicleide Dantas Vieira
Vanilton Pereira da Silva

Projeto gráfico, diagramação e capa
Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão linguística
Wagner Ramos Campos

Prefixo editorial: Editora IFRN
Linha editorial: Artístico-literária

Disponível para *download* em:
http://memoria.ifrn.edu.br

editoraifrn

Contato
Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol, Natal – RN, CEP: 59015-300
Telefones: (84) 4005-0763 | (84) 4005-0863 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. É permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Norte – IFRN
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi

C947 Crônicas escolares [livro eletrônico] / Ana Cristina Pinto Bezerra, Aline Patrícia da Silva, Jocélia da Silva Gurgel Freire (Organizadoras). – Natal : IFRN, 2026.
84 p. ; il ; PDF

ISBN: 978-85-8333-343-2

1. Crônicas. 2. Educação – Cotidiano escolar – Narrativas. 3. Língua portuguesa – Prática de leitura. I. Bezerra, Ana Cristina Pinto. II. Silva, Aline Patrícia da. III. Freire, Jocélia da Silva Gurgel. IV. Título.

IFRN / SIBi CDU 82-94

Elaborada pela Bibliotecária
Marise Lemos Ribeiro – CRB-15/418

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

Dedicamos este texto a todas as pessoas que lutam pelo direito à literatura em todos os espaços, em especial, na sala de aula, por entendermos que o encontro do aluno com o livro não pode ser cerceado, devendo ser, na verdade, estimulado sempre, como parte de uma formação humana, mais justa e significativa, a fim de que mais livros como este possam surgir em todos os lugares.

A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas

Antonio Candido[1]

1 CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. *In*: **Para gostar de ler**: crônicas. São Paulo: Ática, 1992. v. 5, p. 89.

SUMÁRIO

Apresentação 11

PARTE I — PERSPECTIVAS SINGULARES

O preço da fama 15
Ana Letícia Leite Bessa

As lembranças de uma ex-carteira escolar 17
Ana Maura Filgueira Torres

O silêncio entre corredores 21
Aysha Chayara Alves de Souza

Primeiro traço, novo começo 24
Estefany Sofia Gomes Jales

Confissões de um projetor 26
Jhonata Emanuel Gama Araújo

Reflexos de uma lousa de vidro 28
João Pedro Tôrres Braga de Resende

Festa dos perdidos 30
Pedro Gabriel Monteiro Dias

PARTE II — PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

Calouros perdidos 34
Ana Rute Martins Araújo
Rebeca Delane de Melo Varela Brito

Entre corredores e pensamentos 36
Emanuel Fernandes das Chagas

Amanhã vai ser outro dia 38
Ionara Soares Silva
Luiz Eduardo Oliveira Dantas Sizenando

A entrada no IFRN 40
Gustavo Varela Nogueira
Marcos Cauê Dantas

Da entrada à saída 42
Maria Luiza Menezes Gurgel
Marina Alice Menezes Gurgel

Itiberê 44
Otávio Augusto Paiva Bessa

Entre nomes e novas fases 48
Wattha Letícia Duarte de Holanda

PARTE III — VIVÊNCIAS ESCOLARES

A jornada do insetário 51
Ademile Samara da Silva

A magia no DNA da cebola 53
Ágata Carneiro Rodrigues

O seminário 54
Aiane Roberta de Almeida Praxedes
Antônio Lucas Fernandes de Oliveira

Enxergar as oportunidades 57
Ana Letícia de Oliveira França
Maria Eduarda Marinho Leite

Dia de seminário 59
Davi Mateus dos Santos Rodrigues
Kaled Werner Marinho Sizenando

A voz no palco e na saudade 62
Débora Janine Moura Avelino

A saga do teodolito 64
Diego Pereira de Sousa
Pablo Lucas de Oliveira Melo

Os estrangeiros 65
Ellen Sophia Ferreira Maia

Algo a mais 67
Esther Bandeira de Paiva
Ruan Carlos Nobre de Araújo

Dia de lama 70
Lara Beatriz Costa da Silva
Ana Flávia Alves Fernandes

O julgamento dos bichanos 72
Luís Gustavo de Oliveira Fernandes
Maria Luiza Gomes

Busca da vida 74
João Gabriel da Silva Abel
Maria Helouise da Silva Marques

Sob a sombra da árvore: o refúgio dos amigos 76
Mayron Lucas Fernandes Vieira

Em cada momento 78
Minervina Tôrres Cabral

Oséias Menezes Cabral

PARTE IV — SOBRE A CRÔNICA

Uma viagem ao coração da narrativa 81
Arthur Rodrigues Viana
Luís Eduardo Pinto Tôrres Viana

Crônica: a arte de observar a vida através da lente da palavra 83
Guilherme Silva de Noronha
Heyckel Jullyo de Oliveira França

APRESENTAÇÃO

Quando falamos sobre o gênero crônica, referimo-nos às histórias que circulam entre fatos e acontecimentos do cotidiano. Ao produzirmos esse gênero, vamos desvelando a nós mesmos em nossos momentos mais íntimos e pessoais ou narrando histórias compartilhadas com os que nos rodeiam. É isso que iremos observar nas crônicas que apresentaremos aqui. Seja compartilhando um acontecimento vivenciado de modo íntimo, seja trazendo uma experiência coletiva, os textos expressam a essência da crônica: são despretensiosos, porém, reveladores.

Cada crônica convoca-nos a um olhar mais ampliado para as situações que nos rodeiam, levando-nos a amadurecer nossa percepção e visão sobre a vida, ora provocando uma risada descontraída, ora uma reflexão mais intimista, ora uma análise mais crítica sobre determinados fatos. Quem nos convida a experimentar essas vivências são os estudantes do IFRN – *Campus* Apodi, por meio dos textos por eles produzidos. Em *Crônicas Escolares*, esses jovens estudantes compartilham conosco momentos e experiências vividas, levando-nos a rememorar nossas próprias vivências estudantis, como também a refletir sobre como, em meio aos episódios diários, vamos aprofundando a nossa compreensão acerca das coisas e das pessoas.

Para compor as experiências oriundas do cotidiano escolar, os textos foram organizados em sessões que tematizam o exercício criativo pelo qual enveredaram os estudantes. A partir de uma prática de leitura e de releitura do que fora discutido em sala de aula, os jovens escritores repensaram o olhar sobre as situações vividas no âmbito educacional a partir de prismas especiais. Assim, em "Perspectivas singulares", a dinâmica da personificação foi utilizada para que a voz fosse emprestada a

elementos que compõem o cenário escolar e a reflexão fosse construída a partir desse ponto de vista específico. Dessa maneira, desde uma lousa em "Primeiro traço, novo começo", ou em "Reflexos de uma lousa escolar", passando pelas sensações de uma cadeira em "As lembranças de uma ex-carteira escolar", até chegar nas lentes e nas inovações de um projetor em "Confissões de um projetor", ou de uma câmera em "O silêncio entre corredores", o dia a dia na instituição é captado. Há ainda espaço para as divagações e memórias de um troféu em "O preço da fama", incluindo a veia humorística da "Festa dos perdidos". Enfim, por meio de cada objeto, o olhar lançado recolhe acontecimentos, fragmentos do vivido, com tons que variam entre o reflexivo e o cômico.

Essas narrativas revelam o essencial em meio à simplicidade que nos envolve. É o que observamos, por exemplo, no segmento "Primeiras experiências" em que a singeleza do acontecimento recortado é sentida em situações comuns que se tornam únicas para os sujeitos que as relatam, como um primeiro dia de aula, caso das crônicas "Entre corredores e pensamentos", "Itiberê" e "Entre nomes e novas fases". A abordagem do simples, do banal que se destaca é sublinhada em "Calouros perdidos" e "Amanhã vai ser outro dia" que nos propõe superar, com bom humor e confiança, as situações caóticas e constrangedoras que, por vezes, enfrentamos em nosso cotidiano. A reflexão sobre os momentos iniciais de uma trajetória também é sentida em "A entrada no IFRN" e "Da entrada à saída", crônicas que nos levam à percepção acerca da importância que o IFRN – *Campus* Apodi, assume na formação humana e profissional de tantos jovens do sertão potiguar.

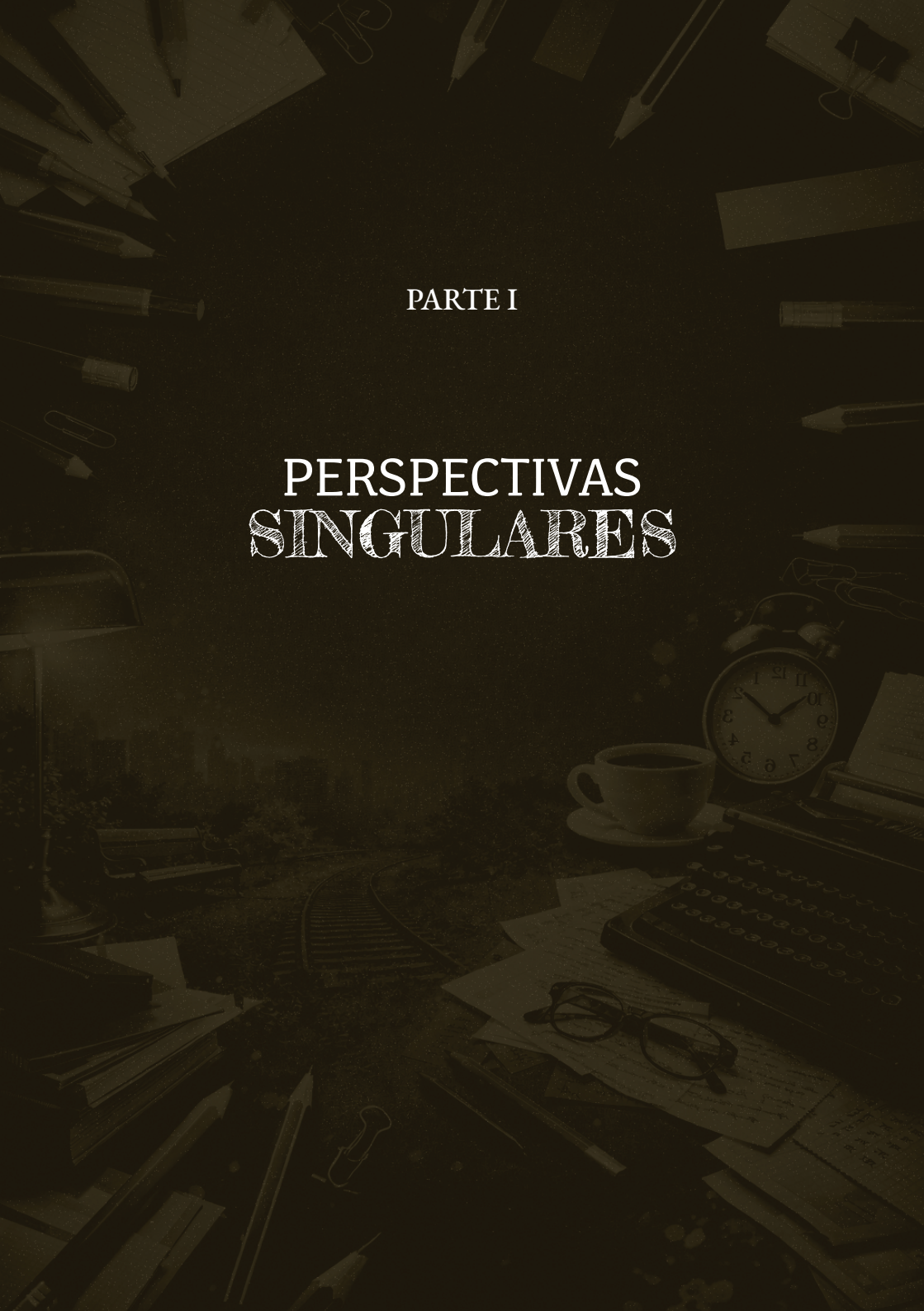
Inseridos nesse espaço, os estudantes selecionaram determinadas situações que os marcaram de alguma forma, traduzindo, em palavras, as impressões de cada momento. Assim, os trabalhos escolares (exemplos de "A jornada do insetário" e "A magia do DNA da cebola"), os ambientes de reunião na escola com os

colegas (caso de “Sob a sombra da árvore: o refúgio dos amigos” e “Em cada momento”) e mesmo – a jornada de deslocamento para a instituição tornam-se motivos de crônica. Em "O seminário" e "Dia de seminário", encontramos, por exemplo, relatos de uma situação desafiadora para os alunos – apresentação de seminário –, representada de forma leve e descontraída. Já em "Busca da vida" e "Enxergar as oportunidades", somos levados a refletir sobre como os obstáculos e desafios que encaramos na vida (no caso em questão, na vida estudantil) são necessários para o nosso aprendizado e crescimento. Temos ainda, em “Dia de lama”, “O julgamento dos bichanos”, “A voz no palco e na saudade” e “Os estrangeiros”, cenas de um cotidiano em que se mistura o cômico com a forma de enxergar as dificuldades vivenciadas. Há no olhar do cronista estudante o entendimento de seu espaço de observador e participante do contexto escolar, olhando-o, por vezes, com ansiedade e, outras vezes, com saudade, mas sempre registrando nas palavras o sentimento de que, na instituição, há um “Algo a mais”.

Por fim, não poderíamos deixar de compartilhar sobre a própria experiência de escrever crônicas. Em "Uma viagem ao coração da narrativa" e "Crônica: a arte de observar a vida através da lente da palavra", somos levados a refletir sobre como um texto consegue capturar a essência e revelar a profundidade que constitui os momentos e as situações vividas em nosso cotidiano. Nesse exercício metalinguístico, o cronista atua como um observador atento, desvelando detalhes precisos e transformando o trivial em extraordinário.

Os textos compartilhados aqui motivam, assim, um encontro com um significado profundo presente na simplicidade da vida cotidiana, em especial, do universo escolar. É neste lugar de anseios, sonhos e vivências que a vida brota em sua intensidade, desaguando nas letras singelas de uma crônica.

As organizadoras



PARTE I

PERSPECTIVAS SINGULARES

O PREÇO DA FAMA

Ana Letícia Leite Bessa

Este é o preço da fama: a solidão. Aqui estou eu, no Instituto Federal do Rio Grande do Norte – *Campus* Apodi. Sou um troféu reluzente e orgulhoso, símbolo de uma vitória. No entanto, em meio aos sonhos e conquistas que constituem este lugar, vejo-me isolado em uma prateleira, como se não merecesse estar ao lado dos meus primos, expostos na vitrine cheia de conquistas.

Lembro-me do dia em que vi vários jovens entrando no ginásio com os rostos iluminados pela expectativa. A Olimpíada de História foi acirrada; gritos ecoavam pelo local, adolescentes corriam e pulavam energizados pela música. Quando o time vencedor segurou-me, a adrenalina pulsou em cada canto do meu corpo metálico. Seriam eles os novos historiadores que salvariam o Brasil? Não, eram apenas três jovens tão eufóricos que tive medo de não sobreviver em suas mãos. Mas agora, por causa deles, enfrento o maior perigo da minha vida: assassinos à espreita, prontos para derrubar-me e quebrar-me a ponto de nem mesmo a cola mais forte conseguir juntar meu corpo.

Eles passam por aqui todos os dias. Hoje, vejo suas sombras aproximando-se lentamente na minha direção. Escuto sussurros: "Vamos segurá-lo." Vejo armas pontudas em suas mãos. O meu coração acelera. Preparei-me para atacar quando

a coragem subiu à tona. Inclinei-me um pouco para enfrentá-los e lutar pela minha vida... Até que a luz iluminou seus rostos. Eram os mesmos adolescentes que me seguraram na cerimônia, e aquelas armas não eram nada além de lápis.

Eles sorriam e logo meu medo transformou-se em emoção. Eu não era uma presa; eu significava algo para eles. Sou a lembrança de um dia alegre e de que todo esforço vale a pena, mesmo quando não se ganha.

Tudo bem, talvez o lugar não seja tão ruim, pelo menos por enquanto. Afinal, não estarei sozinho, ainda os terei, e todos aqueles que sonharem em trazer um irmão para que eu não me sinta tão solitário.

AS LEMBRANÇAS DE UMA EX-CARTEIRA ESCOLAR

Ana Maura Filgueira Torres

Ser uma carteira escolar do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) é difícil, pois, anualmente, no *Campus* Apodi e em outros IFs, entram e saem diversos alunos, cada um com suas características especiais e marcantes (algumas tão marcantes que até nos marcam). De qualquer jeito, raramente vemos algo diferente de um quadro branco e, além disso, sofremos com o arrasta-carteira dos alunos nos momentos dos "debates de filosofia", o que é mais barulhento que um arrastão.

Ser uma carteira escolar é, de certa forma, bastante interessante, pois dependendo de quem vier a sentar em alguma de nós, mudamos de personalidade. Nessa troca de caráter, viramos poetas, pois os alunos, aqueles desconcentrados lá do fundão da sala, escrevem o nome de alguma menina que querem beijar e ter seus amassos de adolescente. Ou, às vezes, tornamo-nos vilãs para os professores, entramos à força

no mundo do crime estudantil, já que os jovens aprendizes irão em nós rabiscar alguma fórmula de física ou matemática, sendo tal ação a famosa cola. Infelizmente (ou felizmente, dependendo do caso), como dito, não conseguimos decidir quem iremos ser, mas é nítido que isso nos abre maiores oportunidades para conhecermos os próprios alunos da sala. Isso é, com certeza, uma aventura e tanto para uma simples carteira escolar, que as pessoas julgam servir apenas para apoiar os cadernos.

Ser uma carteira escolar é difícil, somos alvo de ataques por parte dos alunos, nunca por estudantes. Na Sala 1, a sala do primeiro ano do curso técnico de química, encontramos diversos meninos e meninas gentis, com medo de quebrarem as carteiras e se envolverem em alguma encrenca; deve ser porque são calouros.

Entretanto, em contrapartida a esse feliz fato, a sala dos veteranos é a definição de caos para as tias da limpeza e infelicidade para o bolso dos pais deles, pois lá os alunos já não possuem a mesma delicadeza e empatia por nós, pobres carteiras. Entre os ataques sofridos, vemos que há casos em que a força e destruição é praticamente invisível, sendo uma marquinha ou outra. No entanto, existem alguns que nos arrancam a pele, deixando apenas a nossa madeira visível. Quando nossa pele é arrancada, distribuímos farpas involuntariamente, machucando qualquer aluno que estiver com o braço apoiado.

Mas ser uma carteira escolar é divertido, pois ora vai, ora vem, fofocas de altíssima qualidade surgem. Lembre-se de que você só consegue escrever aqueles bilhetinhos que você envia para uma "Maria Qualquer" porque nós apoiamos o seu *post-it* ou papelzinho rasgado. Lembro-me bem de quando uma menina baixa e de cabelos longos – por ter sido há tanto tempo, não me lembro de seu nome – escreveu uma mensagem a sua amiga, reclamando da aula. Foi nesse dia que percebi que os alunos não são tão inocentes como, nas reuniões escolares, seus pais afirmam ser. Porém, eu preciso concordar que aqueles bilhetes

de amor, que “Marias” fazem a “Joões”, são simplesmente lindos, percebo que os adolescentes são extremamente melosos, de vez em quando. Esses pensamentos românticos atrapalham a concentração, mas é normal, e isso deixa uma aula ou outra bem divertida para eles.

Ser uma carteira escolar é bem legal. Conseguimos ouvir os carões que os professores dão naqueles alunos irritantes e é mais satisfatório ainda quando o sermão é voltado ao seu comportamento com a gente; nem sempre é legal ser rabiscado! Aliás, você quer saber de um segredinho? Aqueles rangidos aleatórios da mesa acontecem quando alguma risada prendida se solta sem querer. É difícil segurar o riso quando nos lembramos das histórias que vivenciamos e vivemos no *Campus* Apodi. Falando em rabiscos, lembro que teve uma aula na qual a professora de português pediu que os alunos fizessem um trabalho sobre o cuidado com o patrimônio do IFRN. Um grupo falou sobre preservar-nos e tentou influenciar os outros a pararem de rabiscar a gente! Mas, adivinha: não fez muito efeito... Infelizmente, os alunos só tomam atitudes quando é por nota.

Ser uma carteira escolar é maravilhoso! Acompanhamos, pelo menos um pouco, a vida de um aluno diferente diariamente. Podemos ser confortáveis quando estão cansados e podemos aliviá-los de ter de segurar mais algum peso. É interessante ver a evolução de um aluno, ver os seus sonhos, histórias e desejos. De certa forma, pode-se dizer que nos inspira ver que, mesmo com cansaço, muitos continuam nessa luta acadêmica para realizar os seus sonhos.

Ser uma carteira escolar é fascinante! Algo que nos impulsiona a ser quem somos, da melhor forma que podemos, é ver os nossos alunos, os que já foram calouros, chegando perto de se tornarem quem decidiram ser: técnicos. Cada carteira carrega um pedaço dessa história, em cada etapa e ano desse ensino médio que tem quatro anos de duração. Sabe como afirmo isso? Simples: minhas irmãs estão na sala do terceiro

ano de química, eu estou na sala do primeiro e, ao nos compararmos, vi que elas estão maiores que eu! Isso é incrível! Elas realmente precisam ser mais largas e maiores, pois agora carregam adultos ou quase adultos. De qualquer modo, estão carregando "sonhistas" com sonhos mais maduros!

Ser uma carteira escolar é magnífico! Posso embasar-me em uma escritora chamada Clarice Lispector[2], que, no livro *A Hora da Estrela*, escreveu que "uma molécula disse sim a outra e daí surgiu a vida". Sei que eu também fui algo que disse "sim", a minha madeira e o meu metal falaram "sim" para poderem auxiliar futuros grandes homens e grandes mulheres! Porém, tudo chega ao fim. O meu fim chegou mais cedo do que eu queria. Lembra-se de que eu falei sobre os ataques? Sobre os terrorismos contra nós?! Sim. Foi o que aconteceu. Fui vítima. Minha pele também foi arrancada, estava machucando os alunos, doía-me machucá-los. Tive de ir para o lixão. Mas está tudo bem. Hoje eu só posso contar para os restos de materiais (que também já foram algo) as melhores vivências que eu tive... Justamente por ser uma carteira escolar.

2 LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

O SILÊNCIO ENTRE CORREDORES

Aysha Chayara Alves de Souza

Eu sempre estive aqui, no alto da parede do corredor principal do IFRN, vigilante, incansável. Meu pequeno ponto de luz é a única prova de que não paro de observar, mesmo quando tudo está em silêncio absoluto. Se pudesse sentir, talvez dissesse que fiquei confusa naquele tempo estranho e quieto. Antes, o que meus olhos eletrônicos capturavam era a vida: alunos correndo apressados, risadas que ecoavam, conversas que pareciam nunca ter fim. Agora, o que restava era apenas o vazio.

Com a chegada da pandemia, as portas de ferro foram trancadas, as aulas suspensas e a quadra, onde sempre tinha alguém jogando bola ou conversando, estava deserta. Só o vento passava, mexendo nas árvores lá fora, mas ninguém estava aqui para notar. Até os passarinhos, que apareciam nos intervalos mais ensolarados, sumiram. Como se todos, até eles, respeitassem o silêncio que tomou conta desse lugar.

De onde estou, vi o tempo arrastar-se, dia após dia. O IFRN, antes tão cheio de vida, transformou-se em um espaço parado no tempo. De vez em quando, eu capturava um funcionário cruzando o corredor, com máscara e álcool em gel nas mãos. Caminhava rápido, seus passos ecoando pelos corredores

desertos, como se o prédio, com cada parede e cada porta fechada, estranhasse a nova rotina.

Aos poucos, comecei a notar mudanças. Vi quando chegaram os funcionários da limpeza, equipados, limpando cada canto. Depois, adesivos começaram a surgir pelo chão, marcando onde cada pessoa deveria parar, a distância segura que deveria ser mantida.

Lembro-me de como antes as entradas nos laboratórios eram animadas e, até mesmo, bagunçadas – uma bagunça gostosa e de agitação contagiante, diga-se de passagem –, os rostos facilmente distinguíveis dos calouros, sempre com olhinhos brilhantes e jalecos brancos cuidadosamente bem passados.

Interessante também era ver os veteranos, especialmente os formandos, alunos dos 4°s anos e a forma como entravam pelas portas do laboratório com caras de preocupação, agitação, ansiedade. Meus sensores captavam os sussurros deles; era sempre mencionado algo como "TCC". Acredito que seus milhares de papéis empilhados e provetas, pipetas e erlenmeyers passando por suas mãos o tempo inteiro dentro do ambiente laboratorial, eram em razão dos tais projetos aos quais eles tanto se dedicavam.

No entanto, tudo isso era apenas lembrança no meu armazenamento interno, uma memória dolorosa de uma realidade que já não se aplicava ao que estávamos vivendo. E então, finalmente, os alunos voltaram, mas não do jeito que eu lembrava. Cada um vinha de máscara, e não parecia ser como os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) que eles usavam antes em algumas práticas, a motivação agora era outra. As risadas abafadas, as conversas rápidas e uma inquietação estampada no rosto de todos, a vida que enchia o instituto parecia retida, contida.

Agora, se eu pudesse falar, talvez dissesse que sinto falta de como era antes: daquela correria desordenada, das

bagunças, dos abraços. O que vejo hoje são alunos medindo cada passo, caminhando com cautela, seguindo orientações que antes pareceriam estranhas para eles. O IFRN não é mais o mesmo, e eu sou uma testemunha muda dessa mudança.

Mas eu sigo aqui, observando, esperando. Imagino o dia em que tudo voltará a ser como era – os corredores vibrando de novo, a energia pulsante sem tantas preocupações. Por enquanto, continuo firme, registrando esse novo tempo e aguardando, pacientemente, o retorno dos dias como eram antes.

PRIMEIRO TRAÇO, NOVO COMEÇO

Estefany Sofia Gomes Jales

O primeiro dia de aula no *Campus* Apodi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte começou com o vai e vem apressado de alunos novos, todos ansiosos e um pouco nervosos. Na Sala 01 do primeiro ano de química, eu já estava pronto para o serviço. Fixado à parede, aguardava mais um semestre de anotações e descobertas. O zelador abriu a porta e ajeitou as cadeiras, lançando-me um olhar rápido, como quem verifica se eu ainda estava aqui, firme e preparado. Parecia novo, limpinho, mas as marcas do passado ainda me acompanhavam, um borrão de caneta permanente no canto, pequenos riscos deixados pela pressa do dia a dia. Minhas cicatrizes eram memórias silenciosas das aulas passadas.

Pouco depois, os primeiros alunos começaram a chegar. Mochilas novas, olhares curiosos e passos hesitantes preenchiam o espaço. Alguns sussurravam entre si, enquanto outros permaneciam em silêncio. Quando o professor de Matemática entrou, trazendo um apagador numa mão e uma caneta na outra, a sala pareceu aquietar-se. Ele aproximou-se de mim, avaliou meu espaço vazio por um instante e, com o primeiro traço da caneta, inaugurou o novo ciclo.

Uma equação surgiu no meu canto superior esquerdo. Era o ponto de partida de uma explicação e logo os alunos come-

çaram a anotar. Alguns encararam a equação com seriedade, enquanto outros franziam a testa em dúvida. Um deles, sentado na primeira fileira, levantou a mão timidamente e fez uma pergunta. O professor, paciente, respondeu enquanto desenhava um exemplo. A dúvida parecia ecoar pelo ambiente, conectando os pensamentos de todos. Mais ao fundo, uma aluna sussurrou para a colega ao lado “Será que vou entender tudo isso até o final do semestre?”.

Enquanto as dúvidas surgiam, eu fazia meu trabalho. Fórmulas e desenhos tomavam meu espaço, eram apagados e davam lugar a novas ideias. A aula de Matemática foi intensa, mas, assim que terminou, o tempo pareceu correr. Em um piscar de olhos, as outras disciplinas passaram rapidamente. Entre explicações, anotações e sorrisos discretos, o dia seguiu seu curso sem que ninguém percebesse.

De repente, o sinal tocou novamente, marcando o fim do primeiro dia. Os alunos começaram a recolher as mochilas, conversando entre si, ainda com as expressões divididas entre o cansaço e a empolgação. Alguns me lançaram um último olhar, como se tentassem absorver algo que ficou no meu espaço. Vi celulares sendo apontados para mim, registrando o que não deu tempo de copiar. Era o reflexo dos novos tempos: a tecnologia auxiliava, mas meu papel continuava essencial.

Para mim, um quadro branco, aquele era só mais um dia. Mas, para eles, era o início de algo maior. As dúvidas, as marcas deixadas no meu espaço, tudo fazia parte do caminho que percorriam. Sabia que, com o tempo, as inseguranças dariam lugar à confiança, e o conhecimento se tornaria uma nova marca permanente.

CONFISSÕES DE UM PROJETOR

Jhonata Emanuel Gama Araújo

Ser um projetor comprometido com o seu serviço no IFRN *Campus* Apodi está cada vez mais complicado. Diversos fatores, como falta de verbas, lentes embaçadas e quedas de energia, dificultam os serviços de nós projetores no âmbito educacional. Porém, não irei me adentrar nesses fatores.

Indo direto ao ponto, desde que fui instalado no topo da Sala 01 (Bloco 01), já havia sido instruído de que não era adequado os alunos me ligarem com o auxílio de seus *smartphones*. Todavia, neste ano de 2024, ingressou um calouro do curso de química um tanto quanto insistente, o qual me liga em quase todas as aulas. O motivo é até compreensível, os seus professores esquecem-se de buscar o meu controle na sala da Coordenação de Apoio Acadêmico (COAPAC), coordenação essa que é essencial tanto no funcionamento quanto no cuidado conosco, os eletrônicos. Mas, pensem comigo, qual a dificuldade de um dos representantes de sala ir buscá-lo? Bom, vai entender...

Continuando... No primeiro ocorrido, recusei-me a ligar diante do aluno, buscando seguir todas as regras que um servidor deve seguir. Ainda assim, não achava que essa atitude era a coisa certa a ser feita. A partir disso, matutei com os meus botões e busquei entender se tinha sentido eu atrapalhar os in-

divíduos, os quais, por meio do meu emprego, busco ajudar na compreensão das aulas e também auxiliar nas horas de lazer, projetando filmes. E então, cheguei a uma conclusão. Decidi ligar e projetar o material do professor, por mais que ele não merecesse, pois o esquecimento do tal controle e a norma de não ligar perante o manuseio dos discentes, sinceramente, não estavam em pauta, uma vez que os pobres alunos daquela turma precisavam de mim.

Enfim, escrevo-lhes esta carta para lhes confessar, prezados servidores da COAPAC, que a culpa de contrariar essa norma não é do insistente calouro do curso de química, mas, sim, minha, e eu sempre estarei disposto a assumi-la para ajudar qualquer estudante que necessitar de um projetor! Ou, melhor dizendo, quando os seus professores esquecerem-se de buscar o meu controle com antecedência.

Atenciosamente,
EPSON Powerlite

REFLEXOS DE UMA LOUSA DE VIDRO

João Pedro Tôrres Braga de Resende

E lá estava eu, em mais um dia de trabalho, em uma segunda-feira, às 7:00 da manhã, pronto para enfrentar mais um dia entediante de aula, afinal, é o meu trabalho. Muitos pensam que a vida de um quadro escolar é fácil, pois já acorda no trabalho, nunca se atrasa e não tem um trabalho muito complexo. Não sei nem se posso classificar meu emprego como *home office*, já que moro nele (no Instituto Federal, em Apodi).

Mas desminto todos que têm esse pensamento, visto que não é fácil viver em função do trabalho, principalmente, quando o trabalho é ter que aturar alunos que se gabam por vestir a farda do Instituto Federal e professores fazendo cócegas em você com canetas coloridas para depois te limpar com apagadores velhos.

Ao final de um dia qualquer, o qual, após refletir, percebi não era qualquer dia, quando só restavam luzes acesas, comecei a observar por meio da janela outro quadro, no laboratório de química que fica próximo à minha sala. Mas ele era diferente, era opaco, sem vida e parecia cabisbaixo, ele era um quadro negro. Quadros como aquele foram substituídos há anos por lousas do meu tipo, de vidro. Isso me deixava pensativo e triste

por saber que até isso a revolução industrial afetou (escreveram em mim sobre esse período na aula de História). Mas, a partir daquele momento, passei a valorizar alguns instantes na minha carreira, até as situações inconvenientes, pois, se elas aconteceram, é porque eu ainda estou trabalhando e não fui substituído.

Um dia desses, por exemplo, um professor de Matemática, após escrever vários números e letras misturados (coisas que só professores de Matemática e Física fazem), manchou-me todo com um apagador que tinha resquícios de tinta de uma década e disse: "deve ser este quadro que está velho". No mesmo instante, subiu-me uma raiva de trincar as bordas, dando-me uma vontade gigantesca de utilizar aquele apagador para "apagar" o escrito pelo professor, mas esse não é meu dever, já que quadros nem têm essa função.

E os intervalos? Nem pense que são momentos de descanso. É quando os alunos vêm rabiscar desenhos e mensagens que só eles entendem. Às vezes, sinto-me uma tela de arte abstrata, cheia de rabiscos e cores sem sentido. No fim do dia, estou coberto de marcas e poeira, esperando por uma limpeza que nunca é completa, porém os zeladores daqui do Instituto Federal são gentis, então, eu os perdoo. Se eu pudesse falar, contaria histórias que fariam qualquer um repensar a vida de um quadro escolar.

FESTA DOS PERDIDOS

Pedro Gabriel Monteiro Dias

Aqui no IF, as pessoas constantemente perdem coisas, desde borrachas até telefones celulares. Às vezes, esses objetos nunca são achados e as pessoas simplesmente desistem de procurá-los, achando que eles sumiram de vez. Mas a realidade é diferente.

Quando perdem um objeto, ele é acolhido pelo COPIF (Conselho dos Objetos Perdidos do Instituto Federal), uma organização criada por nós objetos perdidos para ajudarmos uns aos outros após o abandono. Aqui na COPIF, sempre realizamos atividades recreativas com os itens para que eles esqueçam um pouco do sentimento de abandono pelos seus antigos donos.

Semana passada, um espião garrafa viu que uns humanos estavam fazendo umas rodinhas de leitura no ateliê e decidimos que seria uma boa ideia trazer isso para os pobres itens abandonados. Foi incrível! Lemos e discutimos a crônica "O Lendário País do Recall", de Moacyr Scliar[3] e muitas garrafas derramaram suas águas já quentes em forma de lágrimas. Até o sabonete começou a espumar de tanta emoção! Perguntamo-nos como aqueles objetos tinham relações tão boas com seus donos, mesmo estando distantes.

3 SCLIAR, Moacyr. **Histórias que os jornais não contam**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

O único problema desses eventos é que não podemos ser pegos, não devemos voltar para aqueles que uma vez nos abandonaram.

Nessa segunda-feira, acolhemos uma caixinha de som que acabara de ser perdida. Ela estava meio para baixo e decidimos fazer a maior festa que esse *campus* já viu, usando o som da caixinha perdida para ter música! Lá teria muita bebida, desde coquetéis até refrigerantes e também muita música. Nessa festança, iríamos esquecer completamente nossos antigos donos.

Para não sermos pegos, a festa ocorreu na madrugada de quarta-feira, no Auditório Luiza Cantofa. E aconteceu como dito: festejamos até esquecermos daqueles que nos abandonaram. As toalhas que estavam tomando chuva e sol naquela grade da piscina, onde os alunos costumam esquecer que as usaram para se secarem, agora estavam saltitando pelo salão com a música, e as garrafas enchiam as próprias bocas com coquetéis gelados. O relógio Clocky até perdeu um ponteiro! Divertimo-nos tanto que perdemos o horário.

Perder o horário. Pergunto-me o que teria acontecido caso não tivéssemos perdido o bendito horário. Quando nos ligamos, já eram 6h47 da manhã, não daria tempo de desfazer tudo, por isso, nos escondermos. Então, o pior aconteceu: um funcionário entrou no auditório e nos denunciou à COAPAC, conhecida como Coordenação de Apoio Acadêmico. Porém, na verdade, são uns criminosos que sequestram a nós, os itens perdidos, e nos tacam num canto solitário até que nosso antigo dono lembre-se de nós novamente. Tal facção enviou várias unidades para nos prender e logo todos os itens que estavam ali foram enfiados em camburões plásticos e levados para uma prisão chamada “Achados e Perdidos”, para serem devolvidos aos seus abandonadores. Para início de conversa, quem disse que nós fomos perdidos? Nós fomos abandonados!

Por que vocês humanos sempre fazem isso e acham que nós objetos não temos sentimentos? Eu, como uma borracha,

já passei por muito e não aceito que tirem de nós a diversão. Mas de que adianta agora? Resta apenas ficar parada nesta sala fria e quieta com meus antigos amigos itens, à espera de alguém que sequer deve lembrar-se de mim, ou organizar uma revolução tal qual os objetos defeituosos da crônica de Moacyr.



PARTE II

PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS

CALOUROS PERDIDOS

Ana Rute Martins Araújo
Rebeca Delane de Melo Varela Brito

Era mais um fim de tarde em que até o tempo cansou de esperar a nossa volta para casa. Eu e meus amigos ficamos jogando pife sentados numa roda onde mal chegava uma fração de vento. Depois de perder pela quarta (ou quinta) vez seguida, já cansado de tudo, eu só queria ir para casa. Não me entendam mal, eu gosto de passar um tempo com os meus amigos, pois nossa única oportunidade de interagir pessoalmente é no IF, porém, quando você acaba de fazer "aquela" prova e já tem um seminário marcado para o dia seguinte, o que você gostaria de fazer? O que eu mais queria realmente era chegar em casa e tomar um relaxante banho, daqueles em que a água está tão fria que os ossos são capazes de sentir. Em seguida, tirar um cochilo para descansar a mente, ao invés de ter que ouvir um dos jogadores reclamar que já era a quarta vez seguida que o outro ganhava a partida, "Tá roubando!?".

Agora que já situei vocês, acho que posso ir direto ao ponto. Eu tive a ideia de escrever isto enquanto olhava para as cartas do baralho e pensava em como a vida pode ser comparada àquelas cartas. Com um pouco de esforço, tentarei explicar o porquê. Primeiro, a gente nunca sabe quais cartas virão quando vamos pegá-las, é algo incerto assim como o futuro, nunca

sabemos o que a vida preparou para nossa jornada. Segundo, no baralho, tudo pode mudar de uma hora para outra: de repente, você pega a carta que faltava para vencer a rodada, assim como, de repente, seu oponente pode pegar a carta que faltava para ele. Da mesma forma acontece na vida: em questão de segundos, um acontecimento pode mudar tudo, como, por exemplo, ser aprovado em um exame de seleção para um curso técnico integrado no IFRN. Agora que expus isso, acho que podem entender o motivo que me deu o gás necessário para escrever esta crônica.

Ano passado, este cronista de primeira viagem foi aprovado no exame de seleção do instituto federal e enfrentou algumas dificuldades no processo de adaptação ao seu novo ambiente escolar. O instituto era um lugar completamente novo, cheio de pessoas que eu não conhecia e ainda tive que me acostumar à viagem cansativa de ida e vinda, já que o *campus* fica localizado em uma cidade vizinha à minha. Eu me senti mais deslocado do que nunca, porque, querendo ou não, tudo é diferente no ensino médio. Mas, com o tempo, fui me ajustando a essa nova rotina, mesmo que ainda existam desafios e obstáculos, sinto que as coisas já estão se encaixando.

Bom, agora, quero deixar a minha mensagem aos mais novos calouros que se sentem perdidos: acreditem, vocês não são os únicos! Desejo a todos uma jornada estudantil de muitos aprendizados e muitas partidas de pife com os amigos.

ENTRE CORREDORES E PENSAMENTOS

Emanuel Fernandes das Chagas

No início do ano, aconteceu sua primeira aula na instituição na qual tanto desejou estudar. Aquele dia já começava muito diferente das simples manhãs de preguiça e então chegara a hora de o estudante ir a caminho da escola. Enfim, chegava a hora de entrar no colégio. Ele, então, caminhava à procura de sua sala de aula ansiosamente e, assim como um turista em um intercâmbio, desfilava perdidamente por todos os cantos. O estudante entrava em todas as salas à procura da sua, pois já estava bem nítido que ele tentava evitar ao máximo o contato com os seus novos colegas. No ápice do seu desespero, seu próprio pensamento o castigava só de pensar em ter que perguntar algo a um desconhecido – Vai que me achem estranho, vai que me achem desatento, jamais! –, pensava ele enquanto continuava passando por todos os corredores da instituição.

Enquanto o estudante parava para mergulhar em seus pensamentos de angústia, o tempo passava cada vez mais, e ele continuava perdido entre corredores que se multiplicavam enquanto os minutos passavam. A cada passo, a ideia de encontrar sua sala parecia dissolver-se, como se o número que procurava tivesse deixado de existir. Exausto de tanto andar,

castigado pelos próprios pensamentos, ele vagava por entre centenas de portas, prisioneiro de uma jornada sem fim, em que se rendia ao olhar para o número de sua sala.

E então, depois de tanto andar e passar várias vezes pelas mesmas portas, lá estava ela, meio escondida, como se sempre estivesse ali esperando-o. Nem precisou conferir o número de novo. Suspirou e, com a esperança renovada, entrou com entusiasmo. Mais uma vez, seus pensamentos intrusivos atacavam-no: "Será essa?". O coração acelerou, e a ansiedade deu lugar a uma ponta de otimismo. Aproximando-se lentamente da porta, ele parou ao ouvir vozes abafadas e risadas vindas de dentro, eram colegas que já tinham suas amizades. "Finalmente!", pensou, ajustando a postura e ajeitando a mochila nas costas.

O jovem estudante, então, dava fim a um angustiante período de busca e de nervosismo, e acomodava-se na sua nova sala de aula, ela era muito diferente ao que já estava acostumado. Foi para seu assento e via seus companheiros de classe, aos quais ele não teve coragem nem de dar "bom dia". Depois de esperar um pouco, os professores e professoras apresentavam-se, diziam seus nomes, planejamentos e até marcavam prova. Enfim, ao fim de seu tão esperado primeiro dia de aula, o jovem estudante percebia que isso foi apenas o início de sua nova jornada.

AMANHÃ VAI SER OUTRO DIA

Ionara Soares Silva
Luiz Eduardo Oliveira Dantas Sizenando

Em um dia qualquer, conversei com um amigo que estava nervoso porque iria fazer a prova do IFRN dentro de alguns meses. Isso me trouxe lembranças de quando eu fiz a prova e fui aprovado no exame de seleção.

Após o resultado, o sentimento de alegria logo se transformou em nervosismo e medo. Não só medo do Ensino Médio ou do *campus* federal. O medo era outro, era algo muito maior: tive medo de não me "encaixar".

No primeiro dia de aula, tive que enfrentar um dos piores desafios para mim: pegar o transporte escolar. Imagine só, uma pessoa que andou de ônibus poucas vezes na vida ter que encará-lo cinco dias por semana. Faltando duas horas para a viagem, eu já me sentia enjoado. Toda noite eu pensava: "Como será o amanhã?"**.** Para aliviar meu enjoo, logo pus meu fone, e me perdi em meio aos pensamentos acelerados que tomavam conta de mim. Pensei sobre tudo. Pensei nos meus amigos que não encontraria mais na nova turma, pensei nas amizades que eu pretendia conquistar na nova escola, ou mesmo no fracasso que eu teria em tentar fazê-las. Pensei tanto, que esqueci até do ônibus, mesmo chacoalhando nas crateras da estrada. Enquanto isso, Tim Maia me lembrava da

minha ansiedade, dizendo em meu ouvido: "A semana inteira, fiquei esperando...".

Nesse dia, foi um silêncio horrível na sala. A semana inteira nesse silêncio constrangedor. Tive vergonha e receio de falar com alguém, até sair da sala para tomar uma água era um desafio para mim. Por causa disso, senti que não conseguiria me encaixar em lugar nenhum e nem ao menos conversar com alguém, meu medo só crescia e crescia. Em minha mente, só havia o pensamento de que eu não deveria estar lá.

Após dias sentindo-me solitário, algumas pessoas começaram a falar comigo. Finalmente me senti alguém, sabendo que notaram a minha existência. A grande enchente de pensamentos que inundava minha mente finalmente se dissipou, desceu por um buraco que meus novos amigos cavaram. Eu finalmente consegui fazer amizades, e isso me encheu de entusiasmo.

Os meses foram passando e fui perdendo meus medos. O receio de pegar ônibus também desapareceu com o tempo. Agora, o barulho já não me incomoda tanto. Eu até costumo tirar meu fone para ouvir as pessoas das outras turmas fazendo piadas entre si. Sempre me encolho para eles não me verem rindo, mas eles vêm e fazem piada comigo também. Antes eu tinha receio de não conseguir fazer amizades, agora, tenho mais facilidade de fazer amigos, principalmente, com as pessoas que jogam vôlei comigo no ginásio do *campus*. Tudo aquilo que me deixava inquieto se tornou mais fácil com o tempo, isso porque eu não desisti. Essa foi uma grande lição que aprendi no IFRN: sempre há tempo para mudar, para superar nossos desafios.

Então, querido leitor, se você também irá ingressar no Ensino Médio, seja no IFRN ou numa outra escola, não tenha medo. Por mais que você se sinta deslocado e perdido, aos poucos, tudo dará certo. Ah, e toda vez que pensar que o dia de hoje foi péssimo e pensar nervoso no amanhã, lembre-se das palavras que Chico Buarque disse: “Amanhã vai ser outro dia!”.

A ENTRADA NO IFRN

Gustavo Varela Nogueira
Marcos Cauê Dantas

No coração do sertão nordestino, onde o sol parece beijar a terra com mais intensidade, ergue-se o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – *Campus* Apodi. Para muitos jovens sedentos por conhecimento, esse *campus* é mais do que uma escola: é uma porta de entrada para um futuro promissor.

Desde os confins das comunidades mais remotas até os centros urbanos mais movimentados, o desejo de ingressar no IFRN é como uma chama que arde em muitos corações. Para esses jovens, a instituição representa não apenas a oportunidade de obter um diploma, mas também a esperança de um futuro bem-sucedido e a concretização de sonhos e objetivos ambiciosos.

No entanto, nem todos os que aspiram a estudar no IFRN Apodi conseguem realizar esse sonho. A dura realidade é que a concorrência é acirrada e nem todos são aprovados nos exames de seleção. A desaprovação pode parecer um golpe devastador, deixando muitos jovens desanimados e desamparados diante de um futuro incerto.

Mas, para aqueles que conseguem atravessar as portas do IFRN Apodi, uma jornada de transformação está prestes a começar. Aqui, os corredores estão repletos de oportunidades e

os laboratórios fervilham com criatividade e inovação. Os professores não são apenas transmissores de conhecimento, mas também mentores e guias, dedicados a nutrir o potencial de cada aluno.

É nos bancos de aula do IFRN Apodi que os jovens começam a vislumbrar um mundo de possibilidades além das fronteiras de suas comunidades. Eles se veem como futuros engenheiros, cientistas, artistas e empreendedores, prontos para deixar sua marca no mundo.

Mas o impacto do IFRN Apodi vai além das habilidades técnicas e acadêmicas adquiridas. Aqui, os alunos aprendem valores como resiliência, trabalho em equipe e responsabilidade, que os acompanharão por toda a vida. Eles descobrem a importância do serviço à comunidade e a necessidade de se engajar ativamente na construção de um mundo melhor para todos.

À medida que os anos passam e os alunos se formam, eles levam consigo não apenas um diploma, mas também uma bagagem de experiências e aprendizados que moldarão seus caminhos futuros. Alguns retornarão às suas comunidades de origem, capacitados para fazer a diferença localmente. Outros seguirão caminhos mais distantes, levando consigo o espírito de excelência e comprometimento que caracteriza o IFRN Apodi.

Assim, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus* Apodi continua a ser um farol de esperança e oportunidade para os jovens do sertão nordestino. É um lugar onde os sonhos ganham asas e as vidas são transformadas, deixando um legado de impacto positivo que ressoa muito além de seus muros de tijolos e cimento.

DA ENTRADA À SAÍDA

Maria Luiza Menezes Gurgel
Marina Alice Menezes Gurgel

Passar pelos portões do IFRN não era uma novidade para mim, mas, desta vez, o significado era maior, era minha primeira vez como estudante, como membro oficial daquela incrível instituição. Os portões não representavam apenas um local físico, mas, sim, um portal para um novo ciclo da minha vida.

Enquanto atravessava a entrada, sentia um misto de emoções – a satisfação do dever cumprido após um ano de estudo intenso para conquistar meu lugar na instituição que tanto almejava desde a infância.

Observando os demais estudantes adentrarem o *campus*, via a diversidade de sentimentos refletidos em seus rostos: alguns renovando suas energias para mais um ano letivo, outros se preparando para concluir suas jornadas na instituição, e alguns, como eu, transbordando expectativa, nervosismo e esperança não apenas para o primeiro dia de aula, mas para cada dia que seguiria dali em diante.

À medida que andava pelos corredores, era impossível não me deixar levar pela satisfação de ter finalmente concluído meu objetivo de entrar oficialmente naquele instituto e pela ansiedade de imaginar o que me aguardava durante a longa caminhada que começava naquele instante.

Hoje, quatro anos depois, relembro com nostalgia e gratidão todos os momentos e oportunidades que o IFRN me proporcionou. A sensação de realização após anos produtivos ainda me acompanha, mas também surge a tristeza ao deixar para trás as experiências vividas e as amizades construídas durante meu tempo de estudo.

Cada instante vivido me transformou, deixando lições aprendidas e memórias preciosas. Agora, atravessando esse portão pela última vez, percebo que estou pronta para enfrentar novos desafios em minha vida.

ITIBERÊ

Otávio Augusto Paiva Bessa

Em seu primeiro dia de aula do primeiro ano do IFRN, no intervalo, ele seguia o seu caminho, não queria conhecer os seus colegas ou professores novos que lhe acompanhariam durante o seu percurso, buscava um recanto longe das pessoas ou dele mesmo. O garoto preso em uma mediocridade que ele considerava existente tinha medo de tudo e todos. Caminhou pensativo até o corredor externo, onde a lixeira com o azul desbotado estava em frente a uma árvore alta, um belo Ipê Amarelo (*Handroanthus albus*), soltando as suas belas flores. Tais elementos eram como opostos, encarando-se em silêncio. Ele nunca se sentou ali, entre as duas, com sua salada de frutas, preparada pela sua mãe, que acordava cedo para cuidar de sua alimentação. Não entendia o motivo daquilo, mas já ouviu falar que era amor, um sentimento que ele conhecia, mas nunca entendeu muito bem.

O garoto ouvia o pátio encher-se de sons, amigos, encontros, fofocas e vida. Ao redor, o som dos passarinhos e do vento apressado passando pelas folhas do Ipê preenchia o ambiente externo da escola, mas naquele canto, tudo parecia equilibrado, mais calmo e tranquilo, acolhedor, talvez. Ele não sabia exatamente por que escolheu aquele lugar. A lixeira, pequena e com o azul desbotado, estava ali, silenciosa, como se fizesse parte de algo maior. E a árvore, alta e imponente, estendia sua sombra grande e acolhedora. Havia uma estranha harmonia entre as duas, e ele se sentia parte daquilo.

Enquanto levava uma colher da salada à boca, pensava no que as pessoas diriam se o vissem comendo no refeitório do IF. Será que o achariam estranho? Quem seria amigo de uma pessoa que come salada de frutas durante um lanche da escola? Pensou. Ele nunca se sentiu à vontade nesses lugares movimentados, cercado pelo barulho, pelas conversas e pelos olhares.

Uma vasta inquietação surgia, pois todas as vezes que corria o olhar oprimido pelo refeitório, até um simples ranger de cadeira o fazia voltar os olhos para a comida, carregava sempre um sentimento de confirmação alheia, diante das pessoas ao seu redor. Preferia a solidão de seu canto, a tranquilidade de estar visível, mas não ser realmente enxergado.

Foi então que algo inesperado aconteceu. Uma borboleta tão simples, pequena e delicada emergiu de dentro da lixeira com azul desbotado, bem quando ele jogava fora uma fruta de que não gostava, o garoto ficou extasiado com aquela beleza. A borboleta moldava-se e renascia de sua antiga forma, mas dessa vez renovada. Começou a sentir que a árvore queria acolher tanto a ele quanto a borboleta em seus grandes galhos. O inseto bateu as asas suavemente antes de voar em direção à árvore. Ele ficou observando, intrigado. A borboleta saiu de um lugar que ele jamais esperaria. Parecia fluir, conectando-se entre o lixo e a árvore, entre o descartável e o grandioso, como se quisesse mostrar que até do lixo pode surgir algo belo. Ele sorriu para si mesmo, era quase como se aquela cena resumisse o que ele sentia, o que as pessoas falavam e opinavam sobre ele não importava mais naquela hora.

Enquanto o som do pátio tomava distância, o garoto entrava em seus próprios pensamentos, ele começou a querer conectar-se com a árvore e o lixo, assim como aquela borboleta, não apenas o lixo era o que ele via, ele via perfeição no imperfeito e no simples do lixo, bem como imperfeição no perfeito e grandioso da árvore.

Pensou na palavra que ele havia lido por acaso enquanto ajudava sua madrinha a escolher um nome para o projeto de arquitetura dela: “Itiberê”. Uma palavra indígena do tupi-guarani que significava tanto “lixo” quanto “árvore alta”. Por muito tempo, ele não conseguia entender como os dois significados coexistiam. Agora, ali, entre a lixeira e a árvore, tudo parecia fazer sentido, o abrigo da grande árvore e o local de renovação no lixo fizeram todo o sentido para ele. Ele era um pouco dos dois, como todos. Às vezes, sentia-se pequeno e insignificante como a lixeira, em outras, tentava encontrar-se sob o acolhimento de algo maior, como a árvore protetora e resistente, afinal ele era um garoto que tinha dúvidas das suas próprias capacidades.

A borboleta desapareceu no alto da copa da árvore e o garoto olhou novamente para a salada de frutas que quase derramava no chão. Porém, não era o mesmo olhar de tristeza ou de sufocamento que ele tinha antes, era um olhar de pura e sutil inocência misturada com alegria. Para ele, aquela borboleta não voou apenas para a árvore, mas também para dentro dele mesmo e marcou o início de outra visão de vida para o garoto.

Depois de passar alguns minutos viajando em sua própria mente, ele acordou e sentou-se novamente entre o lixo e a árvore; sentia-se confortável, até em paz. Não importava o que os outros pensassem dele comendo sozinho no corredor, não ligava se o achassem estranho ou se queriam ou não fazer amizade com ele. Aquela borboleta e o ambiente ao seu redor o haviam mudado. O garoto aprendeu que ele mesmo tinha que se aprovar, não ligar para opiniões e cochichos de pessoas que ele nem conhecia. Ali, ele tinha seu lugar, seu equilíbrio, sua própria interpretação de Itiberê, algo só dele, mas que preenchia o todo.

Enquanto o intervalo passava, encaminhando-se para o fim, ele se preparava para voltar à sala, despediu-se da árvore e do lixo e, logo após, repetiu a palavra diversas vezes em

sua mente, agora carregada de um novo sentido: “Itiberê”, uma união, uma síntese de quem ele era, uma coexistência entre o simples e o grandioso dele mesmo. E, com um suspiro, levantou-se para sua primeira aula de Física do ano, sabendo que aquele momento inesquecível jamais se repetiria, assim como aquela sua aula de Física que viria. Com um sorriso no rosto, ele entrou em sua sala, mas com um novo pensamento: Itiberê.

ENTRE NOMES E NOVAS FASES

Wattha Letícia Duarte de Holanda

Era o primeiro dia de aula no IFRN. Na instituição reconhecida como referência na pequena cidade, as cadeiras estavam bem organizadas, os quadros brilhavam como espelhos e as salas pareciam ter passado por uma limpeza de primavera.

Entre rostos animados, uma garota brilhava de alegria por finalmente estudar no IFRN. O dia estava repleto de palestras, dinâmicas e músicas que deixavam todos empolgados, como se estivessem prestes a embarcar em uma grande viagem. Os alunos entravam nas salas com olhares encantados, prontos para aventuras inesperadas, mas, quando chegou a hora dos estudos, a realidade bateu como um balde de água fria. A chamada para verificar a presença dos futuros técnicos em química começou, e a menina aguardava ansiosa pela menção de seu nome, como uma artista esperando seu momento de brilhar.

Para seu espanto, a chamada terminou sem que seu nome aparecesse. O desespero tomou conta: onde estaria seu nome? Teria esquecido de se matricular? Não! Ela lembrava-se, claramente, do dia da inscrição e do entusiasmo ao receber a confirmação. Estaria na sala errada? Também não! Tinha conferido a placa com os dizeres "1º ano de Química" tantas vezes que ela provavelmente já estava cansada da estudante. O que havia ocorrido, então? Onde estava o seu nome?

De repente, como se estivesse encontrado a peça que faltava em um quebra-cabeça, lembrou-se do seu segundo nome, o qual era tão comum que poderia ser confundido com o título de um filme de sessão da tarde. Foi então que o mistério se desvendou: os professores, perdidos na pronúncia do primeiro nome, que incluía letras e sons diferentes, decidiram chamar pelo segundo. E claro, ela não o reconhecia como seu, afinal, raramente era chamada assim.

Ao final do dia, após as chamadas e as explicações sobre a pronúncia correta do seu primeiro nome, a garota percebeu que precisaria acostumar-se a ser chamada pelo seu segundo vocábulo de identificação. Essa mudança, embora um pouco inesperada e indesejada, provocou uma profunda reflexão na garota sobre o significado que um vocativo pode conter: uma tradição, uma homenagem familiar ou apenas algo escolhido ao acaso. Enfim, mesmo sendo chamada de outro jeito, ela percebeu que nada mudaria quem realmente era. O novo nome parecia ser o primeiro passo para a jornada no IFRN. Com um sorriso no rosto que parecia conseguir iluminar toda a cidade, a caloura já sonhava com as oportunidades que ainda estavam por vir na tão sonhada instituição, as quais prometiam ser tão únicas quanto o seu primeiro nome.



PARTE III

VIVÊNCIAS ESCOLARES

A JORNADA DO INSETÁRIO

Ademile Samara da Silva

A gente nunca sabe o que esperar dos primeiros dias de aula. Defesa Sanitária Vegetal era o nome da disciplina e Hélida Mesquita era a professora responsável pelo trabalho que nos aguardava.

Acompanhamos em silêncio sua apresentação de *slides* sobre a prática chamada "insetário", com orientações para selecionar, coletar, alfinetar e conservar aqueles bichinhos como em um mostruário.

Logo, percebemos que, na elaboração de um insetário, o tempo era um fator muito importante: com tantos passos, não seria uma tarefa fácil. Então, ela nos deu um mês de prazo.

Confesso que percebi a dificuldade já nos primeiros momentos, era preciso ter paciência e muita agilidade para a coleta. Após cada captura, deveríamos usar o método de armazenar o inseto em um pote fechado com algodão encharcado de álcool 70% e mantê-lo fechado e guardado na geladeira por dois dias, para que morressem congelados sem sentir dor alguma.

Conseguimos pegar os 30 insetos solicitados e tudo estava se encaminhando, até que a greve começou no mês de abril e adiou a entrega do nosso trabalho por quase três meses. Obviamente, os insetos não permaneceram intactos por todo esse

tempo, eles começaram a se deteriorar e partes do seu corpo foram caindo.

Quando a greve finalmente acabou, muita coisa tinha sido perdida. Percebendo isso, a professora Hélida optou por fazer uma aula prática para demonstrar como deveríamos montar o trabalho e nos deu mais 15 dias para que coletássemos mais 15 insetos.

Alguns dias depois, em contraturno, apresentamos nosso insetário e respondemos às perguntas sobre cada parte do corpo dos insetos e suas etiquetas de identificação. Satisfeitos, respiramos aliviados, porque finalmente aquele trabalho que nos (pre)ocupou por meses havia chegado ao fim.

A MAGIA NO DNA DA CEBOLA

Ágata Carneiro Rodrigues

Chegar cedo para ter aula no contraturno não era algo que Ágata e sua turma estranhavam. Acontecia de vez em quando. Era uma quinta-feira ensolarada e a professora de Biologia tinha marcado uma aula prática para que aprendessem a extrair o DNA de uma cebola.

Já no laboratório, ela apresentou os materiais e explicou o que deveria ser feito: cortar a cebola, adicionar detergente e sal para quebrar as membranas celulares e, por fim, despejar álcool gelado para visualizar o DNA.

Enquanto Ágata picava a cebola, o cheiro forte fez alguns alunos se afastarem, mas sua curiosidade prevaleceu. Ao adicionar o álcool, pequenas fibras brancas apareceram na superfície do líquido – era o DNA!

Instantaneamente, a sala se encheu de risadas e comentários admirados enquanto todos se voltavam para as suas próprias extrações.

Em seu íntimo, Ágata sentiu-se parte de algo maior, ao perceber que até uma cebola poderia revelar segredos extraordinários da vida.

Ao final daquela aula, com as mãos manchadas e um brilho diferente nos olhos, ela saiu para o mundo cheia de novas perguntas e com uma paixão renovada pela Ciência.

O SEMINÁRIO

Aiane Roberta de Almeida Praxedes
Antônio Lucas Fernandes de Oliveira

Encontro-me em mais uma tarde quente e ensolarada de uma típica quarta-feira, desço as escadas do ônibus escolar criando forças para enfrentar mais um dia repleto de aulas e atividades no IF. Diferentemente da crônica que li recentemente na aula de Língua Portuguesa, "À espera da última aula", eu estava desejando, literalmente e ansiosamente, para que a última aula do dia chegasse ao fim rapidamente. Logo, aceitei meu destino e caminhei lentamente em direção à minha sala, enquanto escutava alunos conversarem entre si sobre algum conteúdo de Geografia. Quando meu cérebro processou essas palavras, senti meus pés pararem juntos, minha boca abrir-se levemente, enquanto um frio percorria minha coluna:

– O Seminário! – saiu da minha boca em um tom trêmulo, atingindo os olhares de alguns alunos que passavam por mim.

– Como pude esquecer-me de uma coisa tão importante? Quanta desatenção! Socorro, Deus! – esses eram os únicos pensamentos que passavam pela minha cabeça enquanto eu tentava voltar a caminhar.

Quer realmente saber a realidade? Apresentação de seminários nunca foi minha praia. Não importa o quanto eu ensaie e tente me tranquilizar, eu sempre me vejo trêmula e gaguejando em frente à turma. Bom, pense comigo: se eu me sinto nervosa mesmo me preparando, imagine esquecendo completamente da existência do trabalho. Desespero era a única palavra que

me definia no momento. Eu tinha duas aulas, exatamente uma hora e meia para tirar a ideia de que eu não fracassaria completamente. Mas, até aquele momento, eu não tinha conseguido atingir o objetivo. Aproximava-me da sala e sentia uma brisa gelada do ar-condicionado, entrei e me deparei com os nerds que, não importava o conteúdo, sempre apresentavam de maneira invejável qualquer seminário.

Sentei cabisbaixa na minha cadeira enquanto tentava ler o conteúdo repleto de nomes de rochas e dados geográficos. De todas as matérias, logo Geografia?! Nunca consegui ao menos decorar os nomes das capitais brasileiras. Foi preciso criar um plano, pensar numa estratégia. Sem muitas opções e com o tempo correndo, semelhante ao de um participante da São Silvestre, a única alternativa de plano possível seria sacrificar uma aula, me esquivando e driblando o professor da primeira matéria, enquanto me concentrava no conteúdo do seminário. Dito e feito! A aula começou e a voz do professor esvaía-se pela minha cabeça como um som de fundo. Havia muita determinação nas minhas ações, eu precisava de agilidade para esconder os papéis do conteúdo do seminário, quando os olhos dele se desviavam em direção à minha carteira.

Enfim, estava na hora da apresentação. Depois de virar aqueles papéis pelo avesso e de tentar ensaiar no espelho do banheiro feminino, eu tinha a certeza que eu continuava ruim, mas não como antes. Com o coração acelerado, levantei-me da cadeira, tentando ignorar o nó na garganta. Ao me dirigir para a frente da sala, as vozes dos colegas se tornaram um eco distante, quase irrelevante. Olhei para o grupo de alunos que me observava, seus rostos misturavam ansiedade e expectativa. A luz da sala parecia mais intensa, cada olhar como uma lanterna apontada para mim. Direcionei meu olhar para meus companheiros de grupo e caminhei em direção a eles, contei brevemente a situação, esperando críticas, mas recebi comentários reconfortantes e um abraço rápido. Incrivelmen-

te, minha ansiedade pareceu sumir um pouco, respirei fundo e percebi que realmente tenho amigos que estão aqui para me ajudar em todos os perrengues.

À medida que avançava, percebi que havia mais a dizer do que apenas relatar dados. Falei sobre como as rochas moldam nossa paisagem, como influenciam a agricultura e até a construção civil. O interesse pelo tema começou a fluir, e as palavras começaram a sair com mais naturalidade. A tensão nos meus ombros diminuiu e, por um momento, esqueci o medo. Por incrível que pareça, senti um pouco de confiança na minha fala. Os olhares que antes pareciam ameaçadores agora estavam curiosos e interessados no meu improviso mestre. Voltei a ficar nervosa quando escutei palmas da turma, sinalizando que, finalmente, meu seminário havia terminado. Respirei fundo e nunca me senti tão sortuda.

Depois da apresentação, voltei à minha cadeira ainda em choque, mas agora com um sorriso involuntário. Às vezes, a realidade se impõe com desafios, mas também traz surpresas reveladoras.

ENXERGAR AS OPORTUNIDADES

Ana Letícia de Oliveira França
Maria Eduarda Marinho Leite

Mais um dia começa como qualquer outro. Meu relógio despertou e, dessa vez, consegui arrumar-me rápido. Mas não contava que, bem nesse dia, meu tênis e as meias desapareceriam, provavelmente foram transportados para aqueles lugares que se abrem no chão de nossa casa e somem para sempre. Por sorte, estavam apenas fora do meu quarto, o que não condiz com o exagero da minha explicação.

Quando finalmente os encontrei, já era hora de ir à parada e, felizmente, cheguei a tempo. Sentada, esperando o ônibus, sinto as gotas de chuva da noite anterior ainda caindo sobre meu rosto, à medida que o vento sopra. Dei-me conta de como as milhares de gotas se prendem às milhares de folhas, parecendo diamantes em meio a todo o verde quando iluminadas pelo sol. Notei que, apesar do sol ainda alaranjado e do calor, podia sentir o vento fresco de uma manhã depois de uma longa chuva. Então, deparei-me sorrindo para aquela cena que me fazia esquecer do "corre" de logo cedo à procura dos tênis.

Lá de longe, vejo o ônibus se aproximando e sei que é hora de ir. Ao entrar no ônibus, noto como todos os dias algumas pessoas sempre estão sentadas umas ao lado das outras, é encantador como cada dupla se completa de alguma forma.

Provavelmente devem ser do mesmo curso, as camisas denunciam isso, “Será que se conheceram na escola?”; “Como eles se aproximaram?”; costumo pensar muitas coisas...

Chegando ao IFRN, ainda com olhar atento, vejo meus amigos e amigas sempre da mesma forma: a mesma maneira de entrar na sala, os mesmos abraços. Cada um se cumprimenta como todos os dias, falamos dos mesmos assuntos do dia anterior e rimos todos juntos das mesmas piadas ao mesmo tempo; tudo isso todos os dias, um após o outro: chegada, abraços, conversas, risadas, chegada, abraços, conversas, risadas, de novo e de novo.

Após a primeira aula, vejo os calouros e percebo como cada um se comporta e como ainda tentam se localizar, mas todos, sem exceção, têm no olhar a alegria de ter conseguido. E me vejo em todos, porque todos nós sabemos que por esses corredores, laboratórios, por toda a fazenda-escola, biblioteca, por todos os lugares da nossa instituição, estão os sonhos de centenas de alunos que acreditam que aqui tenha algo melhor. E, por mais que tenhamos as mesmas chegadas, abraços, conversas e risadas, vivenciamos, a cada novo dia, a renovação do sentimento de pertencimento e de orgulho por fazer parte do IFRN – *Campus* Apodi.

DIA DE SEMINÁRIO

Davi Mateus dos Santos Rodrigues
Kaled Werner Marinho Sizenando

Era dia de seminário na turma do 1º ano do Técnico em Informática, e a expectativa pairava no ar como uma nuvem carregada de pânico. Os grupos estavam prontos – ou pelo menos fingiam estar. O professor de Informática Básica observava tudo com a calma de quem já tinha visto de tudo. Sabia que o que estava para acontecer não era bem um seminário, mas um espetáculo de improviso digno de risadas silenciosas.

O primeiro grupo, liderado por Gustavo, parecia confiante. Ele subiu ao palco, ajeitou a voz e começou a falar sobre a importância dos processadores de terceira geração com a autoridade de quem leu um artigo na *Wikipedia* na noite anterior. Tudo ia relativamente bem até que o projetor, claro, decidiu participar do show. A tela piscou, deu uma travada e, então, como se estivesse cansada da vida, apagou de vez.

Gustavo congelou. Olhou para a turma, olhou para o professor, olhou para o projetor, como quem espera que o equipamento, por mágica, se acenda de novo. Nada. Seus colegas de grupo começaram a remexer nos cabos, no computador, sem muita esperança. O desespero era visível.

– Eu juro que a gente testou antes – disse ele, como se aquela frase fosse trazer o projetor de volta à vida.

– Ah, então continua sem o *slide*, ué! – disse o professor, como quem sugere algo óbvio.

"Sem o *slide*?", pensou Gustavo. Para ele, o *slide* era a âncora que mantinha o barco no lugar. Sem o *slide*, ele estava à deriva, perdido em um oceano de termos técnicos que não faziam mais sentido algum.

Enquanto isso, na primeira fileira, Estefany observava a cena com um sorriso nervoso. Seu grupo era o próximo, e ela sabia que a confusão do projetor não era o único problema do dia. Estavam ensaiando há uma semana e, ainda assim, Enos, o responsável por abrir a apresentação, não fazia ideia do que ia dizer. Ele sempre foi aquele aluno que se vira na hora, e essa era a estratégia do grupo: torcer para que, de alguma forma, as palavras certas viessem magicamente até ele.

Quando, enfim, o grupo de Estefany subiu ao palco, o caos seguiu como o roteiro não escrito do dia. Enos, para surpresa de ninguém, gaguejou as primeiras frases, lançou um olhar rápido para Estefany e, então, como se fosse a coisa mais normal do mundo, sacou o celular e começou a ler as anotações diretamente da tela. A turma riu baixinho. O professor ergueu uma sobrancelha, mas não disse nada. Era como se todos tivessem aceitado que aquele seminário tinha suas próprias regras.

Estefany tentou salvar o barco. Ergueu a voz e começou a falar sobre a história da internet como se estivesse conduzindo um *tour* por um museu.

– E aqui, pessoal, temos o surgimento da ARPANET. – dizia, enquanto Enos, ao fundo, mexia no celular tentando encontrar o próximo ponto. Claro que, nesse momento, o celular dele decidiu vibrar. O barulho ecoou pela sala e, num ato reflexo, Enos atendeu.

– Oi, mãe, tô no seminário, não posso falar agora! – disse ele, sem nem perceber que o microfone estava ligado.

A turma explodiu em gargalhadas. O professor finalmente sorriu, uma vitória difícil naquele campo de batalha. Enos,

vermelho de vergonha, desligou o telefone, murmurando algo sobre "esquecer do modo avião". Estefany, resignada, decidiu que já estava além de qualquer tentativa de controle. Eles iam concluir aquilo, de qualquer jeito.

O seminário terminou com um suspiro de alívio para todos. Gustavo ainda não acreditava que o projetor tinha traído seu grupo. Enos estava convencido de que sua mãe tinha um radar para ligar nos momentos mais inoportunos. E Estefany? Bem, Estefany só queria um café bem forte.

Enquanto todos saíam da sala, Jean olhou para os *slides* abandonados, o projetor apático, e pensou, com um sorriso de canto: "Seminário sempre é assim. Mais um dia, mais uma saga. O que seria da vida sem essas comédias acidentais?"

A VOZ NO PALCO E NA SAUDADE

Débora Janine Moura Avelino

Estou no palco do Instituto Federal. Meu coração bate forte enquanto me preparo para cantar. A música sempre foi e sempre será minha paixão, meu caminho de escape, mas saber que me apresentarei diante desse público torna este dia único, especial.

(Começo a cantar...)

Quando a luz se apaga e a música começa, sinto a energia pairando no ar. Estou aqui para mostrar quem eu sou! Cada música que eu canto é como trazer meu pai de volta pra mim. A gente cantando junto, dias antes de ele falecer, é uma lembrança que sempre estará gravada na minha memória e no meu coração. Eu canto e mentalizo o quanto espero que ele tenha orgulho de mim.

(Aumento a intensidade da voz...)

Essa música, "Ainda Bem", fala sobre encontrar alguém que permaneça por toda uma vida. Cada aplauso é como um combustível para a minha alma.

(Finalizando a canção...)

Agora, chegado ao final da apresentação, quero agradecer a todos vocês por estarem aqui. Hoje, não é apenas sobre cantar, é sobre conectar nossas histórias e celebrar nossa autenticidade.

A SAGA DO TEODOLITO

Diego Pereira de Sousa
Pablo Lucas de Oliveira Melo

Sob o céu aberto de uma manhã promissora, a turma do segundo ano de agropecuária do IFRN – *Campus* Apodi, se reuniu, ansiosa e cheia de expectativas, em um terreno baldio. A missão do dia era desvendar os segredos do teodolito, um instrumento que prometia revelar os mistérios da topografia com uma precisão milimétrica.

Com a base estabilizada e as miras em posição, iniciou-se a aula prática. A primeira etapa consistia em montar o equipamento, uma tarefa que se mostrou um verdadeiro teste de paciência e habilidade motora. Parafusos, níveis, ajustes horizontais e verticais – cada detalhe era crucial – e o tempo parecia se estender enquanto tentávamos domar a complexidade do teodolito.

Após uma verdadeira batalha com a tecnologia, finalmente conseguimos dominar a fera. Era hora de levar nosso conhecimento para o campo, onde quatro pontos específicos marcados pelo professor aguardavam para serem mapeados.

Com o teodolito em mãos e as miras apontadas, cada membro da equipe assumiu sua posição. Girando o limbo horizontal, fazendo anotações meticulosas, mergulhamos no mundo da topografia. A cada leitura, o terreno revelava um pouco mais de seus segredos.

Após registrar os dados dos quatro pontos, enfrentamos nosso próximo desafio: mapear uma área de terreno com suaves relevos. Uma tarefa que, apesar de aparentemente simples, exigia uma atenção minuciosa aos detalhes e uma precisão matemática impecável.

Caminhando pelo terreno, medindo distâncias, calculando ângulos, cada passo era guiado pela determinação de obter resultados precisos. E, após horas de esforço e dedicação, finalmente retornamos à sala de aula, exaustos, mas com um sentimento de realização palpável.

A experiência, apesar dos desafios enfrentados, foi incrivelmente enriquecedora. Aprendemos não apenas a lidar com um equipamento fundamental na topografia, mas também a apreciar a importância dos detalhes e da precisão nas ciências agrárias. Transformamos um simples terreno baldio em uma área meticulosamente mapeada, onde cada ponto conta uma história e cada medida revela um segredo da natureza. E, assim, encerramos nossa saga do teodolito, com a certeza de que cada desafio superado nos tornou mais preparados para os desafios que o futuro nos reserva.

OS ESTRANGEIROS

Ellen Sophia Ferreira Maia

Em uma terça-feira que parecia ter começado como qualquer outra, fui para a escola já no turno da manhã (estudo à tarde) junto com dois amigos, Gustavo e Débora, para revisar o assunto da prova que ocorreria mais tarde. Começamos a estudar na biblioteca, mas, diante de seguidas distrações e interrupções, a dificuldade de concentração era uma realidade que não tínhamos como negar.

Seguimos nessa tentativa até que um de nós viu uma postagem na rede social do *Campus* mostrando que havia pessoas de outros países visitando o IF e que elas (pasmem!) não falavam português. Logo me questionei: "Por que alguém sairia de um lugar tão longe para uma cidade do interior?". Antes que eu pudesse socializar essa indagação, vimos dois desses intercambistas sentados em uma mesa não muito distante da nossa. A descoberta imediatamente nos empolgou, afinal não é todo dia que se vê uma pessoa que mora literalmente do outro lado do mundo! Não duvido que eles tenham notado nossa inquietação, mas estávamos com vergonha demais para ir até lá falar com eles.

Passamos o resto do tempo nos distraindo conversando amenidades (a revisão ficou com Deus) e buscando coragem para abordar os estrangeiros, até que, na hora do almoço, avis-

tamos os dois, que eram chineses, tirando fotos com alguns alunos. Quando o grupo se dispersou, criei coragem e perguntei, com o meu inglês do *Duolingo*: "*Can we take a picture too?*" (Podemos tirar uma fotografia também?). Ele, então, perguntou: "*Together?*" (Juntos?). Confirmei, ele chamou seu companheiro de viagem e tiramos a foto, eu, Gustavo e eles. Débora, infelizmente, não estava nessa hora. Imaginei como ela lamentaria ter ficado de fora desse registro, depois.

Mais tarde, encontramos os visitantes novamente e, dessa vez, eles estavam na companhia de dois colegas: um do Paquistão e outro da Etiópia. Mesmo rodeados por outro grupo de alunos, puxamos conversa e acompanhamos como, de vez em quando, eles comentavam algo em chinês, o que alimentava a curiosidade de todos nós.

Não comentei ainda aqui e deixei passar no dia, mas, depois, fiquei pensando, arrependida, que deveria ter dito que era meu aniversário. Teria sido engraçado vê-los cantando "parabéns pra você" em chinês.

ALGO A MAIS

Esther Bandeira de Paiva
Ruan Carlos Nobre de Araújo

Lembro-me bem de como eu tratava o banco da grama no começo. Era local de encontro de um amigo veterano com seus outros colegas do 4º ano. Para mim, até então, era apenas isso. Sempre fui muito tímido. Costumava ouvi-los conversar sobre os mais diversos temas e, aqui e ali, dava meus pitacos sobre algo que me despertasse o interesse. Conforme ia me aproximando desse amigo e me enturmando mais com os outros, passei a sempre esperá-los ali, na hora do recreio. Virou uma coisa rotineira. Todo dia, assim que passava o pé pelo portão principal do IF, meu destino já estava marcado para aquele famigerado banco. O motorista do meu ônibus era um pouco imprudente, por assim dizer, e sempre chegávamos cedo demais na escola devido à velocidade do transporte. Ia correndo para a grama esperar minhas amizades recém-adquiridas e tentar aproveitar os poucos minutos antes de as aulas começarem.

Se fosse colocar no papel detalhadamente cada coisa que fazíamos nos arredores da grama, encheria um caderno. Mas, sucintamente, poderia dizer que, com o tempo, aquele cantinho, longe das salas de aula, dos corredores de concreto e dos alunos inquietos, nos permitiu rir, chorar, pensar, aproveitar a companhia uns dos outros ou, até mesmo, a própria solidão. Com o decorrer dos meses, algo tão trivial e até mesmo digno de indiferença tornou-se algo profundo para mim. A partir daquele momento, o banco da grama se tornou parte do meu

dia a dia, e foi de uma forma tão fluida e automática que simplesmente se fundiu à minha rotina. Eu não existia sem o banco da grama, e o banco da grama não existia sem mim. Meu primeiro ano letivo passou voando. Tantas vivências foram construídas no nosso – quando digo "nosso", refiro-me a mim e aos meus amigos – cantinho diário, que nem pude perceber ou avaliar a importância daqueles momentos para mim. Foi um ótimo ano, diria eu.

Contudo, cada coisa nessa vida é finita, e assim foi esse período. Meus colegas veteranos, agora pessoas importantíssimas para mim, completaram o "ciclo IF" de suas vidas e se formaram. As férias chegaram e meu contato com o banco da grama foi interrompido. Durante um longo mês, eu me perguntei o que faria agora, sem meus parceiros do dia a dia, tanto que me apeguei àquelas vivências do ano anterior, que deixei algo deveras importante de lado. Somente com o início do meu 3º semestre no *Campus* Apodi do IFRN e, claro, com a chegada de novas caras nesse ambiente, pude perceber tal grandiosidade. Sem meus antigos amigos, não via mais graça no banco da grama e parei de frequentá-lo. No entanto, num fatídico dia, parei para reparar como ele estava, sem nosso grupinho. Parte da grama havia sido arrancada para a construção de bancos de concreto. O lugar, antes pouco frequentado, agora estava cheio de pessoas novas. A princípio, fiquei com raiva, pois um espaço tão importante para mim estava sendo completamente transformado, e outras pessoas, que nunca tinham estado ali, agora estavam ocupando um espaço que deveria ser meu.

Mas, aí, veio à minha mente a reflexão e a ficha caiu: o banco não era nosso e muito menos era só um banco. Estava tão fixado na saudade de meus amigos que estava me privando de novas experiências. Porém, essa mesma saudade me ajudou no meu *insight*: cada risada ecoada pela grama ou pelas folhas do pequeno pau-brasil nos arredores, cada lágrima caída na terra, cada pensamento que permaneceu na cabeça de quem

frequentava o banco e cada sonho compartilhado naquele ambiente contribuía para a construção de tal espaço.

O que fazia do banco ser "o banco" não era quem frequentava ali ou o que compunha aquele pequeno espaço, mas, sim, as emoções entrelaçadas naquele ambiente, como crochê sendo tecido por uma agulha e uma linha, dando uma vida inimaginável para um lugar tão simples, impregnado de calor humano e de memórias de valor inestimável. Naquele lugar, não importava sua idade, seu curso ou seus planos para o futuro. O que importava era a conexão que o ambiente permitia construir entre as pessoas, alimentada todos os dias a cada momento compartilhado. Perceber isso me permitiu dar real valor àquele espaço. Passei a levar minhas outras amizades para aquele lugar tão especial para mim. Alguns de meus amigos já tinham seguido seus rumos, mas isso não me impedia de construir novos laços e continuar a alimentar o banco da grama com uma quantidade absurda de valor sentimental. Algum dia, eu sairia do IF. O tempo passaria de uma forma que não haveria mais nenhum conhecido meu naquela escola. Mas, mesmo assim, aquele lugar que, por um curto período, fora importante para mim, continuaria a ser de inúmeros outros que, por qualquer motivo que fosse, resolvessem gastar um pouco de seu tempo livre naquele lugar sustentado por histórias, vivências, sentimentos e sensações.

O banco na grama era, é, e sempre será, de fato, algo a mais.

DIA DE LAMA

Lara Beatriz Costa da Silva
Ana Flávia Alves Fernandes

Era uma terça-feira como qualquer outra, acordei cinco minutos antes do despertador. O dia prometia ser normal, talvez até entediante, mas eu estava otimista, afinal, era terça-feira, o que significava estar cada vez mais perto do fim de semana. Movida por esse otimismo, dirigi-me para o IF. A segunda aula estava acabando, e lá estava eu, sentada na sala de aula, contando os minutos para o intervalo.

O intervalo era o grande momento de liberdade em meio a tantos cálculos e teorias. Finalmente a hora chegou, saí da sala como um foguete. No caminho, avistei o lugar onde costumo me reunir com meus amigos. Era um daqueles dias pós-chuva, e o chão estava coberto de poças de lama, mas eu, distraída como sempre, seguia sem dar importância. Afinal, qual é a chance de algo dar errado numa terça-feira comum? A resposta veio em menos de cinco segundos.

No meio do corredor, enquanto tentava desviar das poças de água, meu pé resolveu que seria engraçado me trair. Escorreguei como se estivesse em uma pista de sabão. O momento foi quase cinematográfico: uma mão para o alto, a outra tentando buscar equilíbrio, e... POF! A queda foi gloriosa. E, claro, na maior poça de lama possível. O universo tem um senso de humor tão duvidoso!

Fiquei alguns segundos sentada, em estado de negação, com a lama impregnada na calça, sentindo a umidade subir

pelas pernas. O mundo ao redor parecia parar, exceto pelos risinhos ao fundo. Meus colegas estavam lá, observando o meu vexame e, como sempre, prontos para rir da minha desgraça.

Com o resto de dignidade que eu tinha, levantei-me tentando limpar a calça. Mas era inútil. A lama parecia ter decidido que minha calça *jeans* era o seu novo lar. Voltar para casa? Nem pensar, ainda teríamos aula! E não, eu não tinha um casaco para amarrar na cintura. Então, respirei fundo e aceitei o inevitável: entrar na sala de aula assim mesmo, com a calça mais marrom do que azul.

Ao chegar à sala, fui recebida por olhares curiosos. Uns riam, e outros olhavam com pena. Tentei fingir que nada tinha acontecido. Quem sabe, se eu me sentasse rápido, ninguém notaria. Mas claro que o professor decidiu fazer um comentário.

– O que aconteceu com sua calça? Por que demorou tanto para chegar?

Sorri e, com a maior naturalidade do mundo, respondi:

– O senhor não acredita no que aconteceu!

A sala caiu na gargalhada. E eu? Bem, aprendi que, às vezes, o melhor a fazer é rir da própria desgraça. Afinal, nada como um pouco de lama para alegrar a rotina entediante de uma terça-feira.

O JULGAMENTO DOS BICHANOS

Luís Gustavo de Oliveira Fernandes
Maria Luiza Gomes

Em todas as minhas sete vidas, nunca imaginei enfrentar uma tragédia como essa. Aqui estou, em meu refúgio habitual, onde cresci e criei minha família. É um lugar onde o sol brilha incessantemente, pintando o céu de azul como o oceano, onde o vento acaricia meu pelo e o riso das crianças ecoa pelos corredores. Era um dia como outro qualquer, até que aquele careca apareceu, anunciando uma guerra contra os felinos.

Nós, acusados de vandalismo em nossa própria morada, como se tivéssemos transformado nosso lar em uma cena de destruição. A ironia do ser humano é tão profunda que chega a ser cômica: enquanto eles mesmos destroem seu *habitat*, a culpa recai sobre nós, inocentes criaturas que compartilham o espaço com eles. Parece que preferem apontar dedos e encontrar bodes expiatórios em vez de encarar a verdade incômoda de sua própria autodestruição. Assim, simples felinos, nos tornamos protagonistas involuntários dessa injustiça.

Confesso que, diante da seriedade da situação, me senti tentado a soltar um miado de desespero. Afinal, quem poderia imaginar que nós, simples gatos, seríamos convocados para um julgamento tão peculiar? O tribunal improvisado, presidido pelo vilão principal com sua habitual gravidade, tinha a plateia

atenta dos humanos, cujas expressões variavam entre o choque e o divertimento.

Enquanto aguardávamos nossas "sentenças" felinas, não pude deixar de admirar a ironia da situação. Aqui estávamos nós, seres peludos e fofinhos aos olhos da maioria, sendo acusados de crimes que nem mesmo um cachorro seria capaz de cometer.

Enquanto o julgamento prosseguia, o estresse entre nós, os felinos, aumentava gradativamente. Cada acusação injusta proferida pelo vilão principal era como uma garra afiada perfurando nossos corações inocentes. Não era apenas a injustiça que nos irritava, mas também a ideia de que éramos considerados responsáveis por algo que jamais faríamos.

Foi nesse clima de tensão que um de nós, mais exasperado do que os outros, não conseguiu mais conter sua frustração: – Miau, miau miau, miau! – disse meu companheiro. Mandei ele se acalmar; tais ofensas proclamadas ao vilão poderiam nos levar a uma injustiça maior.

O silêncio tenso que se seguiu foi quebrado pelo próprio antagonista, visivelmente surpreso com a interrupção felina. Por um momento, pareceu que até mesmo ele estava impressionado com a ousadia do nosso amigo de quatro patas. Mas, rapidamente, retomou seu ar sério e prosseguiu com as acusações.

Diante daquela situação de estresse para alguns e divertimento para outros, o júri finalizou sem nenhuma sentença, mas a oposição continuava a nos ameaçar. Desde então, nos dias que se seguiram, os corredores da escola tornaram-se verdadeiras rotas de fuga, onde os felinos se moviam com agilidade e discrição, evitando o olhar penetrante dos humanos e os murmúrios de acusações que pairavam no ar.

BUSCA DA VIDA

João Gabriel da Silva Abel
Maria Helouise da Silva Marques

O ônibus balança suavemente, como um embalo monótono que acompanha minha rotina diária. É nesse vai e vem constante que reflito sobre a inerte dificuldade de sair da minha cidade em busca de uma vida melhor. Mas, quanto mais ele se adianta, penso – não sei se prevenido ou preocupado – que quero tirar tudo da frente e sentir, finalmente, paz no coração.

Enquanto a paisagem rural desfila pela janela em um borrão indistinto, ao som de "Busca Vida", de Os Paralamas do Sucesso, minha mente volta-se para os amigos que ficaram para trás. Aquelas risadas compartilhadas, os momentos de descontração no fim de semana, tudo agora parece distante, envolto em saudades que apertam o peito. A rotina é cansativa: os horários rígidos ditados pelo relógio e pela necessidade de chegar a tempo para as aulas. Acordar cedo, disputar um lugar no ônibus lotado, tudo isso se torna parte de um ciclo que se repete incessantemente.

E no meio desse cansaço, surge a reflexão: vale a pena todo esse esforço? A resposta, no fundo, é sim. Os sonhos que me movem, a busca por um futuro melhor, tudo isso justifica cada metro percorrido, cada minuto de saudade dos amigos, da minha família e da minha casa. Porém, não posso negar que há dias em que a vontade de não continuar surge como uma tentação. É nessas horas que fecho os olhos e respiro fun-

do, lembrando-me dos motivos que me trouxeram até aqui, ao IFRN. A determinação volta a pulsar dentro de mim, e sigo adiante, um passo de cada vez, rumo aos meus objetivos.

O ônibus continua sua jornada, e eu com ele. A cidade vai ficando para trás, mas os laços que me ligam a ela permanecem firmes, como uma corda invisível que me conecta às minhas origens. E assim, entre saudades e sonhos, sigo meu caminho, sabendo que cada desafio enfrentado é mais um degrau na escada que me levará ao futuro que almejo.

SOB A SOMBRA DA ÁRVORE: O REFÚGIO DOS AMIGOS

Mayron Lucas Fernandes Vieira

No pátio do IFRN – *Campus* Apodi, onde o concreto se aquece sob o sol, existe um cantinho especial. É ali, sob a sombra da velha árvore, que eu e meus amigos encontramos nosso refúgio. Os bancos de cimento, desgastados pelo tempo e pelas risadas compartilhadas, nos aguardam pacientemente.

A árvore, com seus galhos estendidos como braços, nos acolhe. Suas folhas dançam ao vento, criando um teto natural que nos protege do sol forte ou das chuvas repentinas. O tronco áspero é nosso confidente silencioso, guardando nossos segredos e risadas.

Mas o que realmente importa são os momentos que vivemos ali. Sentados nos bancos, balançando as pernas, compartilhamos nossos pensamentos mais íntimos. Falamos sobre a prova difícil de Matemática, sobre nossos sonhos e medos. Às vezes, ficamos em silêncio, apenas observando as formigas trabalhando no chão.

O vento sussurra segredos em nossos ouvidos, e o mundo lá fora parece distante. É um lugar onde o tempo se estica, e as preocupações desaparecem. Ali, em meio ao desabafo das notas baixas e das provas difíceis, somos acolhidos pelos braços e galhos amigos.

E, quando a calmaria se instala, eu tiro meu celular do bolso e fotografo aquele cantinho. A luz dourada atravessa as folhas, criando padrões no chão de terra. Os bancos, agora eternizados em pixels, parecem sorrir para mim.

Neste lugar, a simplicidade se transforma em algo mágico. Os bancos sob a árvore são nosso refúgio secreto, onde a paz está ao alcance das mãos. E toda vez que passo por ali, sinto um sorriso brotar em meu rosto, lembrando-me de que a amizade e a calmaria podem ser encontradas nos lugares mais simples e inesperados.

EM CADA MOMENTO

Minervina Tôrres Cabral
Oséias Menezes Cabral

À medida que os portões do *Campus* se abrem, o som dos passos ecoa, marcando o início de mais um dia. A oportunidade de fazer parte do IFRN – *Campus* Apodi, possibilita-nos uma nova percepção para a realidade que nos envolve. Seja cumprindo o papel de servidor ou de aluno, fazer parte do *Campus* Apodi é desvendar as histórias e as memórias que se encontram em cada recanto dessa instituição. Em meio ao burburinho e à agitação característica de cada dia de aula, vamos interagindo com essas várias histórias, na medida em que também nos tornamos personagens delas.

Em cada árvore, uma testemunha silenciosa observando o passar dos anos no instituto. Sempre lá, plantada no mesmo local, faça chuva ou faça sol, vendo a chegada e saída de tantos transeuntes. Porém, os sentimentos partilhados e os relatos confidenciados perpetuam-se na memória daqueles que, um dia, vivenciaram tantos momentos debaixo daqueles frondosos galhos.

Em cada sala, um professor plantando o conhecimento que um dia foi cultivado e explorado por ele. No rosto, a satisfação de partilhar o conhecimento com inúmeras mentes ávidas por aprendizado, cada uma em sua própria sintonia. Mas há tam-

bém aqueles "desestimulados", para quem o docente precisa dispensar mais atenção e paciência.

Em cada corredor, a junção de duas, três, várias vozes atravessam as paredes na sinfonia de uma conversa, laços ficando cada vez mais fortes no compartilhamento de segredos, risadas, declarações, confissões ou tendo seu temido fim no ato de uma discussão.

Em cada espaço da biblioteca, uma mente buscando respostas para as suas incontáveis dúvidas ou encontrando refúgio, longe do barulho e da agitação dos corredores repletos de alunos, para conhecer personagens inusitados e desvendar novos universos através das narrativas literárias.

Em cada placa, uma turma que marcou o *Campus* de alguma maneira, inúmeras histórias que poderão ser contadas para as novas gerações, memórias afetivas que para sempre serão guardadas na alma de quem as viveu.

Em cada pôr do sol, um fim de dia no instituto, carregado da sensação de dever cumprido, de novos conhecimentos e aprendizados e de mais um trecho para compor as páginas da história que também estamos ajudando a construir.



PARTE IV

SOBRE A CRÔNICA

UMA VIAGEM AO CORAÇÃO DA NARRATIVA

Arthur Rodrigues Viana
Luís Eduardo Pinto Tôrres Viana

É intrigante como uma simples crônica pode servir como um retrato da alma humana, refletindo algo mais do que apenas as coisas que acontecem no dia a dia. De vez em quando, ao escrever, sinto-me como se estivesse traçando uma linha tênue entre o banal e o profundo, levando-me a refletir sobre a própria natureza do gênero.

Lembro-me de uma tarde nublada, em que o café esfriava lentamente enquanto eu tentava encontrar a voz perfeita para uma crônica. O relógio na parede parecia zombar do meu dilema, marcando o tempo de forma irônica, como se soubesse que a escrita não tem pressa.

Mesmo escrevendo, meus pensamentos oscilavam entre a leveza e o peso das palavras. Para mim, a crônica é como um palco onde as emoções entram e saem, muitas vezes deixando um rastro invisível. Lembro-me de como José Saramago usava a ironia para observar o cotidiano e como Rubem Braga capturava com sutileza a essência de momentos simples. Essa intertextualidade me fez pensar sobre como a crônica é um gênero que pode revelar profundidades inesperadas apesar de sua aparente simplicidade.

Escrever sobre a crônica me leva a uma metáfora contínua: a história é como uma pintura que vai além da tela e toca os detalhes invisíveis do leitor. Cada frase é um pequeno detalhe capaz de transformar o mundo em algo mais do que a soma de seus componentes.

Na crônica, o tempo é uma figura caprichosa, muitas vezes mais fluida do que precisa. Naquele dia, enquanto as horas se esvaíam e o café esfriava, senti uma sensação de leveza que só a escrita pode oferecer. Como se cada palavra escrita fosse uma tentativa de capturar a essência fugidia de um instante, o sentimento predominante era a melancolia, temperada por uma pitada de esperança.

Às vezes, é engraçado pensar como o simples ato de escrever palavras pode revelar tanto sobre nós mesmos quanto sobre o mundo. Em sua essência, as crônicas são um convite a ver a beleza na vida cotidiana, a se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma vida que, às vezes, parece querer ser mais do que é.

Assim, ao final de uma jornada histórica, entendo que o gênero é um campo fértil onde os sentimentos são cultivados e as histórias ganham vida de maneiras imprevistas. A crônica, apesar de sua aparente simplicidade, é uma forma de arte que tanto nos desafia quanto nos consola, demonstrando que a beleza pode estar nas coisas mais aparentemente insignificantes da vida.

CRÔNICA: A ARTE DE OBSERVAR A VIDA ATRAVÉS DA LENTE DA PALAVRA

Guilherme Silva de Noronha
Heyckel Jullyo de Oliveira França

De vez em quando, penso que a crônica é como uma máquina do tempo literária, pois pode capturar o momento e os sentimentos de uma época que, de outra forma, passariam despercebidos. O momento em que percebi a profundidade que se esconde nas entrelinhas de uma vida comum, foi durante uma dessas tardes lentas e preguiçosas, quando o céu parecia um borrão de cinza.

O relógio, que fazia tic-tac constantemente em minha mesa, parecia desafiar minha incapacidade de encontrar uma perspectiva nova para o cotidiano. Cada marcação de hora era um lembrete discreto de que a crônica não é apenas um método de registro de eventos, mas também um método de

reinterpretar o normal. Lembro como Manuel Bandeira captava a tristeza dos dias com uma sensibilidade que eu gostaria de imitar, e como Luís Fernando Veríssimo transformava o trivial em algo extraordinário com astúcia.

Enquanto eu tentava organizar meus pensamentos, tive a sensação de ser um observador silencioso e atento. A crônica é essa janela aberta para o mundo que permite ver o que normalmente não é visto. O presente se tornava uma sequência de detalhes preciosos, cada um com sua própria história, enquanto o tempo parecia se esticar e encolher.

Eu descobri que é difícil transmitir a essência desses detalhes mantendo a complexidade subjacente. Naquele dia, em que meu processo criativo parecia tão estagnado quanto o café na minha xícara, a melancolia se fazia presente de forma sutil, como um pano de fundo quase imperceptível, mas sempre presente. Era uma melancolia que, em vez de causar pesar, causava uma sensação de contemplação.

Ao escrever sobre a crônica, começo a perceber que o objetivo real é desvelar as camadas de significado que costumam estar escondidas sob a superfície. A crônica não é simplesmente uma observação; é uma reflexão sobre o significado de estar presente no fluxo constante do tempo e da experiência. É uma arte que exige paciência e uma visão afiada, capaz de perceber a beleza em qualquer momento.

Assim, percebo que a crônica é uma espécie de conversa entre o escritor e o leitor, quando o texto termina e o papel se enche de palavras; é um convite para que ambos descubram o extraordinário no comum. É um lembrete de que, por mais simples que possa parecer, cada momento contém uma riqueza de detalhes esperando para serem explorados. Portanto, a crônica é uma homenagem à capacidade humana de encontrar significado e beleza na vida cotidiana, um testemunho da nossa capacidade de transformar o que é simples em algo que ficará para sempre na memória.


editoraifrn

AS ORGANIZADORAS



Ana Cristina Pinto Bezerra
é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) desde 2014.



Aline Patrícia da Silva
é professora de Língua Portuguesa do IFRN desde 2018, licenciada em Letras pela UFRN e especialista em Teorias e Estudos sobre a Linguagem pela mesma instituição.



Jocélia da Silva Gurgel Freire
é professora de Língua Portuguesa do IFRN – *Campus* Apodi, licenciada em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, concluiu o mestrado em Letras na mesma instituição e doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco.

A Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 250 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didáticopedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

Nesse sentido, a Editora IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.



editoraifrn

A partir do estudo do gênero crônica em sala de aula, o exercício do olhar foi instigado sobre um contexto bastante singular e que inspira múltiplas reflexões: o universo escolar. Assim, cenas banais do cotidiano educacional tornaram-se material para que o fazer criativo tomasse o centro das aulas de Língua Portuguesa e Literatura a partir da visão de jovens escritores.

Organizadas em quatro perspectivas distintas, mas alinhadas ao ambiente escolar, este livro apresenta 30 crônicas escritas por alunos do 1º e 2º anos dos cursos técnicos de nível médio em Agropecuária, Informática e Química, do IFRN – *Campus* Apodi. No ano de 2024, esse processo de escrita reuniu tanto as primeiras sensações vivenciadas pelos estudantes na instituição quanto as lembranças de um período específico: o contexto de pandemia.

Indo além de um registro a partir de uma atividade de sala de aula, este livro propicia o (re)encontro das letras com os jovens estudantes que se configuram como cronistas em um espaço que tão bem conhecem. Pensando o trânsito entre ficção e realidade, o olhar sobre o cotidiano assume um colorido diferente, permitindo que as situações vividas sejam, assim, ressignificadas nos textos, em que se produz um olhar singelo e revelador que, na despretensão, resulta em ótimas crônicas.

9 788583 333432

editoraifrn

EDITORA ASSOCIADA À ABEU
abeu.org.br

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte